Crônicas do cotidiano

As sagas de um beradeiro e uma enfermeira

AURIDAN DANTAS DE ARAÚJO
MARIA ALICE MONTEIRO CAVALCANTI DUMARESQ

IFRN Editora

Crônicas do cotidiano

As sagas de um beradeiro e uma enfermeira

AURIDAN DANTAS DE ARAÚJO
MARIA ALICE MONTEIRO CAVALCANTI DUMARESQ

IFRN Editora

Natal, 2014

Presidenta da República **Dilma Rousseff**
Ministro da Educação **Henrique Paim**
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica **Marco Antonio de Oliveira**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Reitor **Belchior de Oliveira Rocha**
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação **José Yvan Pereira Leite**

Coordenador da Editora do IFRN **Paulo Pereira da Silva**
Conselho Editorial **Samir Cristino de Souza (Presidente)**
André Luiz Calado de Araújo
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

FICHA CATALOGRÁFICA
Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da publicação na fonte
IFRN / Campus Natal Central / Biblioteca Sebastião Fernandes

A663c Araújo, Auridan Dantas de.
Crônicas do cotidiano : as sagas de um beradeiro e uma enfermeira / Auridan Dantas de Araújo, Maria Alice Monteiro Cavalcanti Dumaresq. – Natal : IFRN, 2014.
82p.

ISBN: 978-85-8333-069-1
1. Literatura norte-rio-grandense – Crônicas. 2. Crônicas brasileiras. 3. Crônicas norte-rio-grandenses. I. Dumaresq, Maria Alice Monteiro Cavalcanti. II. Título.

CDU: 82(813.2)-94

DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Charles Bamam Medeiros de Souza
Lenart Veríssimo do Nascimento

REVISÃO LINGUÍSTICA
Pedro Henrique Grizotti

CONTATOS
Editora do IFRN
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. CEP: 59015-300
Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763
Email: editora@ifrn.edu.br

PREFÁCIO

O livro que ora apresentamos, Crônicas do Cotidiano, é uma coletânea cujos autores, contemporâneos do Colégio Marista, se reencontraram após 35 anos através das redes sociais.

Auridan Dantas, profissional da Odontologia, Mestre em Engenharia da Produção e também formado em Educação Física, atualmente dedicado à gestão de pessoas no IFRN, tem divulgado, de forma esporádica e com o auxílio da internet, textos de sua lavra sobre assuntos diversos, que vão das peripécias do beradeiro às suas próprias experiências como dentista no interior, passando ainda pelo relato dos percalços sofridos como paciente em tratamento pós-operatório, motivado por cirurgia recentemente realizada. Já Alice Dumaresq, licenciada em Enfermagem e pós-graduada em docência de Enfermagem e em Saúde Pública, sua companheira de jornada literária, nos surpreende com seus textos de refinado bom gosto, testemunhando acontecimentos pitorescos registrados na convivência diária com pessoas que atende no SUS. Os dois amigos, sobretudo, revelam possuírem um admirável talento para captar e expressar a sabedoria popular.

As crônicas, publicadas de forma aleatória, agora enfeixadas nessa edição eletrônica, afloraram para nosso deleite, seus leitores, com a naturalidade própria de autores que se apresentaram de modo espontâneo e despretensioso, agradando a todos que puderam acompanhar a sua evolução.

De fato, estamos diante de uma obra que nasce seguindo a boa tradição brasileira no gênero, apresentando estilo próprio, textos leves e bem-humorados, de leitura agradável, com histórias temperadas no sentimento das ruas e perfumadas com o cheiro do povo.

De uma brasilidade a toda prova, destituída de empáfia, sem pompa nem circunstância, o livro associa a verve

dos autores à descontração dos textos ao descrever, com rara fidelidade, o comportamento encantador do povo nordestino.

Certamente, uma obra para ser lida e apreciada.

Em Natal, 18 de fevereiro de 2014.

Hermano Moraes

Hermano Moraes é bancário da CEF, formado em Direito (UFRN), pós-graduado em Gestão Pública (UFRN). Atualmente, exerce mandato de Deputado Estadual (RN).

SUMÁRIO

PARTE I

SAGA DE UM BERADEIRO - ASSOMBRAÇÃO DA PÍULA 13
OUTRA SAGA DE UM BERADEIRO – PRATO FEITO 14
SAGA DE UM BERADEIRO – BILOCA NO DENTISTA 15
SAGA DE BERADEIRO – APERREIO NO ÔNIBUS 17
SAGA DE UM BERADEIRO – A VIAGEM DOS SONHOS 19
CRÔNICA DO COTIDIANO – UM TAL DE VOUCHER 21
CRÔNICA DO COTIDIANO – ANO QUE SE VAI, ANO QUE SE VEM 22
CRÔNICA DO COTIDIANO – UMA VIAGEM ARRETADA 23
CRÔNICA DO COTIDIANO – CASAMENTO ENCHARCADO 24
CRÔNICA DO COTIDIANO – REI DO CHOPP 26
CRÔNICA DO COTIDIANO – CEGUEIRA DAS CORES 27
CRÔNICA DO COTIDIANO – O CARRO QUE EU LEVAVA PARA PASSEAR 29
CRÔNICA DO COTIDIANO – MEU VELHO FUSCA 30
CRÔNICA DO COTIDIANO – AMIGOS, AMIGOS – GASES A PARTE 31
CRÔNICA DO COTIDIANO – VUCO-VUCO NO “ISTOMBO” 33
CRÔNICA DO COTIDIANO – O PERIGO DA ESCRITA LIGEIRA 34
CRÔNICA DO COTIDIANO – REPARAÇÃO 35
CRÔNICA DO COTIDIANO – MÍDIAS SOCIAIS NA VIDA DE UM BERADEIRO 36
CRÔNICA DO COTIDIANO - EITA, AINDA TEM UM TAL DE “ISTRAGADO” 37
CRÔNICA DO COTIDIANO - TREINANDO O “INGRÊS” 38
CRÔNICA DO COTIDIANO - CUIDADO! A VISTA TRAI 39
CRÔNICA DO COTIDIANO – MANIA FEMININA 40
CRÔNICA DO COTIDIANO – CUIDADO COM O CALIBRE DO BICHO 40

CRÔNICA DO COTIDIANO – A CIRURGIA - O INÍCIO DE UMA SAGA 42
SAGA DA RECUPERAÇÃO – O RECREADOR E A ÉTICA MÉDICA 44
SAGA DA RECUPERAÇÃO – A FISIOTERAPIA 45
SAGA DA RECUPERAÇÃO – CAMPO DE CONCENTRAÇÃO 47
SAGA DA RECUPERAÇÃO - INUSITADO 48
SAGA DA RECUPERAÇÃO - MAIS UMA DO RECREADOR 48
SAGA DA RECUPERAÇÃO – NEM LIGHT E NEM DIET 50
SAGA DA RECUPERAÇÃO - NOVOS APARELHOS E EXERCÍCIOS 50
SAGA DA RECUPERAÇÃO – A VINGANÇA DAS MULETAS 52
SAGA DA RECUPERAÇÃO - ESSA EU NÃO DEVIA CONTAR 53
SAGA DA RECUPERAÇÃO - CATREVAGEM 55
SAGA DA RECUPERAÇÃO – MULETAS SENTIMENTAIS 56
SAGA DA RECUPERAÇÃO – BARÃO DE BENGALA 57
O RETORNO DA SAGA DA RECUPERAÇÃO 57

PARTE II

ACONTECE CADA UMA 62
O PRIMEIRO “MÍSSIL” VOCÊ NUNCA ESQUECE 63
SONDA VESICAL 64
OLHA A SAIA JUSTA – I 64
OLHA A SAIA JUSTA - II 65
PRÉ-NATAL 66
ASCÁRIS LUMBRICÓIDES 67
NOMES ESTRAMBÓTICOS 68
EXAME PAPANICOLAU - I 69
EXAME PAPANICOLAU – II 70
EXAME PAPANICOLAU – III 71
PAPANICOLAU – IV 71
ACA 71
MUDANÇA DE SEMBLANTE 73

PRÉ NATAL – II 74
VISITA DOMICILIAR – I 74
VISITA DOMICILIAR – II 75
VISITA DOMICILIAR – III 76
VISITA DOMICILIAR – IV 76
VISITA DOMICILIAR – V 77
VISITA DOMICILIAR – VI 78
AMAMENTACÃO 78
RATOS X GALINHAS 79

BIOGRAFIA DOS AUTORES

AURIDAN DANTAS DE ARAÚJO

Histórico de um beradeiro

Não comecei a vida escrevendo. Virei odontólogo em 1984, licenciado em Educação Física em 1991, passei por três especializações e um mestrado pela UFRN. Nunca publiquei artigos científicos.

Nas andanças e perambulações da vida, venho me permitindo a "azougar" o juízo do povo, que quando não tem o que fazer, resolve ler o que escrevo. Na década de 70, o negócio era escrever letras de músicas e esperar alguns amigos musicá-las. E isso rendeu uma apresentação na TV Universitária, no programa apresentado pelo Maurício Pandolphi, nas tardes de sábado, e que, se não me engano, era denominado de Talentos da Nossa Terra. Ocorre que muitas destas letras foram publicadas em um livro de poesias, no ano de 1983, chamado Poesia, Pão e Verso, que foi uma produção independente e teve uma noite de autógrafos no Pâmpano Clube, na Praia do Meio/Natal-RN.

Já na década de 80, surgiu, sabe-se lá de onde, a vontade de escrever poesias, e isso resultou na publicação do livro Versos Atônitos, no ano de 1999, que foi patrocinado pela Fundação de Apoio ao CEFET/RN - FUNCERN, e teve o apoio da Editora do CEFET/RN, tendo uma noite de autógrafos na EXPOTEC.

E atualmente, depois de tudo isto, e no período de recuperação pós-cirurgia, descobri algo: a vontade de ESCREVER!!! E cheguei a este momento especial. Inclusive, já tenho até blog: ojuaraberadeiro.blogspot.com.

MARIA ALICE MONTEIRO CAVALCANTI DUMARESQ

Nascida em Natal-RN, casada, dois filhos.

Educação de nível médio (1979 - Marista).

Educação Superior (1984 - UFRN - Bacharelado em Enfermagem).

Educação Superior (1986 - UFRN - Licenciatura em Enfermagem).

Pós-Graduação em Saúde Pública pela FACISA (PB).

Pós-Graduação em Docência de Enfermagem pela FIOCRUZ (RJ).

Ramo de atividade - Enfermeira a 28 anos da Secretaria Estadual de Saúde Pública (SESAP) e Secretaria Municipal de Saúde (SMS), e instrutora de atividades teórico-práticas para alunos do curso de Técnico de Enfermagem.

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta crônicas escritas por duas pessoas que, após 35 anos, voltaram a manter contato e descobriram como é interessante relatar suas histórias de vida e do dia-a-dia de forma cômica. São momentos vivenciados na vida pessoal e profissional de ambos, e que retratam a realidade, bem como a transformação, ou redescobrimento, de seus comportamentos, antes tímidos e retraídos, e hoje expansivos e descontraídos. Está organizado em duas partes. A primeira parte contempla as sagas de um beradeiro, e o autor Auridan Dantas retrata situações vivenciadas durante o tempo em que trabalhou como dentista em uma cidade do interior, além das situações do seu dia-a-dia e da fase pós-cirurgia. Na segunda parte, a autora Alice Dumaresq apresenta relatos da sua atuação profissional como enfermeira.

PARTE I

AS SAGAS DE UM BERADEIRO

AURIDAN DANTAS

SAGA DE UM BERADEIRO - ASSOMBRAÇÃO DA PÍULA

Quando fui trabalhar como dentista na cidade de São Tomé, logo na segunda semana me indicaram que ficaria hospedado no prédio da cooperativa. Tal prédio tinha um depósito no térreo, e no primeiro andar tinha vários ambientes, que passaram a ser usados como apartamentos pelos fornecedores de insumos para a cooperativa. Como passei o dia trabalhando, só fui chegar nesse prédio no final da tarde, e um funcionário da cooperativa me levou até o "apartamento" que eu ia ficar, e foi embora. Como não encontrei ninguém, deixei as minhas coisas, e sai para jantar.

Num interior que se preza sempre tem um lugar chamado de "quatro bocas". É o local onde se junta um bom número de pessoas e se fala de tudo, inclusive da vida alheia. Parei lá, mas não devia. Quando me perguntaram onde eu estava hospedado, falei que estava na cooperativa. E então, começaram as "estórias" sobre a dita cuja. Nesse prédio, extremamente antigo, já havia morrido um monte de gente, e nenhum dos presentes nas quatro bocas tinha coragem de ir à noite para lá. Já comecei a ficar aperreado (mas pensei – "eu sou da cidade grande e não tenho medo"). Para não ficar muito mais aperreado, saí de lá e fui para o restaurante. Na mesa coletiva, também fui perguntado sobre onde estava hospedado – e pegue estória de assombração. Então, para criar coragem e ir dormir mais tranquilo, resolvi beber uma gela. Deu certo não, só tinha vodca. E o pior, era Natasha ou Popov, e sem gelo. Desceu assim mesmo. Mas só consegui beber uma dose (tem coisa pior não).

Ao chegar com o velho fusca no portão da cooperativa, vi que tinha um vigia e que usava uma lanterna na mão. Ele aproximou-se e eu me apresentei. Ele já sabia que ia ter um novato para dormir lá, e abriu o portão. Então, eu pedi para ele me ajudar a abrir a porta da escada, pois estava com a lanterna. Sabe o que ele disse: Vou nada. O senhor deixa o farol do carro de frente para lá e abre. Não chego perto des-

se prédio nem com a gota. Só tem assombração. Meu amigo, aquele cidadão era o vigia, e tinha aquele medo todo.

Fui assim mesmo, me danei a rezar, e procurei dormir logo, na velha rede de guerra. Não consegui dormir quase nada. Porém, de madrugada, comecei a escutar um barulho estranho – vinha bem fraquinho, e na medida em que se aproximava da janela do apartamento, ia aumentando, e depois voltava a diminuir. Fiquei todo coberto, e pegue reza. E ficou nessa pisada até amanhecer. Quando o sol clareou, o barulho sumiu. Quando fui sair do prédio para ir ao restaurante tomar café, também ia saindo um rapaz, que me perguntou se eu ia para o restaurante, e pegou carona. No caminho, eu falei sobre o barulho e o medo que tive, e ele falou na maior gargalhada: era eu fazendo uma corrida ao redor do prédio. Foi então que entendi a porra do barulho baixinho, e depois aumentando, e depois sumindo. O chão era de brita. Quase que eu mandava o condenado ir a pé.

OUTRA SAGA DE UM BERADEIRO – PRATO FEITO

Ê, vida boa era no interior. Cadeiras na calçada, para juntar uma turma e conversar "arizia".

Fui trabalhar como dentista na cidade que a minha mãe nasceu, meus avós moraram, meu tio ainda morava e o cunhado do meu irmão era vice-prefeito. Além do padre, do médico, do juiz, do delegado e do prefeito e vereadores, passei a ser tratado como importante e necessário. Logo no primeiro dia, a esposa de um parente de minha mãe me convidou para almoçar na casa dela.

No interior, a esposa é quem faz o prato do marido e dos convidados. E é por camadas. A farinha vem no final, que é para dar o grau, ou seja, para dar liga. Dessa forma, a senhora fez o prato do marido, e na sequência fez o meu. Não tive tempo de dizer o que queria ou não, pois a coisa foi rápida. Quando vi, já tinha uma montanha na minha frente.

Conversa vai, conversa vem, fui atacando as beiras do prato. Quando conseguia "desbastar" uma camada, ela dizia: coma mais um pouquinho – parece que não está gostando. E pegue comida de novo no prato. E foi assim por um bom tempo.

Quando eu já estava prestes a explodir, foi que notei que não tinha conseguido chegar à camada final. Logo a camada do feijão. Fiquei com água na boca, mais não cabia mais nada. Nem água. Porém, num interior que se preza, no final tem a famosa "última pá de cal" – a rapadura.

Meu amigo, a pressão foi grande para encarar a rapadura, porque ela dizia que era da melhor qualidade. Enfrentei a danada, mas passei três dias sem precisar fazer refeições. Hoje, com essa tal de modernidade, quando peço para a minha mulher fazer o meu prato, ela diz: levante a bundinha e venha fazer. E, para fechar com chave de ouro, ainda diz: e não esqueça que tem que lavar o prato.

Por isso que eu chamo de autoridade máxima. E eu sou doido de reclamar. Sou sócio cartão ouro do clube dos manicacas.

SAGA DE UM BERADEIRO – BILOCA NO DENTISTA

A atuação de um dentista em uma cidade do interior sempre leva ao "ajuntamento" de muitas histórias. Quando estive como dentista na cidade de São Tomé, vivenciei muitos causos.

A sala do consultório odontológico, por incrível que pareça, não tinha paredes até o teto. Era meia parede. Resultado: eu ouvia tudo o que se falava na sala de espera, assim como quem estava na sala de espera ouvia tudo o que ocorria no consultório. E no interior é assim: na sala de espera, os homens são muito valentes e corajosos, e as mulheres são mais recatadas e falam pouco.

Em dia de feira, os marmanjos, invariavelmente, já chegam “mamados”, e dizem logo: vou mandar o doutor “distrair” três dentes de uma vez. Quando abrem a boca, você sente uma variação de odores, que vai de um rolo de fumo a uma buchada, passando por quatro doses de conhaque “Dreher” e duas lapadas de cana, sem falar nos pedacinhos de arribaçã presos nos dentes. A anestesia é o que faz menos efeito.

Nessa cidade tinha um cidadão chamado de Biloca. Trabalhava na casa do prefeito. Era uma verdadeira comédia. E ele foi ao consultório. Não bebeu. E realmente precisava extrair um dente.

Ficou escutando todo tipo de história e estória na sala de espera, e já entrou todo nervoso. Porque tem também aquelas pessoas que gostam de ficar contando todo tipo de “milacria” enquanto esperam a vez, e sentem o maior prazer em fazer medo aos demais. Biloca já não era dos mais corajosos, e ficar escutando terror foi de lascar.

Examinei a situação do dente, e expliquei o que seria necessário fazer, e fiz a anamnese. Tudo ok. Comecei os procedimentos.

Passei a famosa pomadinha, antes da anestesia, e fiz a anestesia. Quando constatei que já não havia sensibilidade na área que iria atuar, iniciei a “sindesmotomia”. Pronto, só um nome desses, já faz qualquer cidadão se “mijar” de medo. Quanto mais o Biloca. Ele começou a ir descendo na cadeira.

E eu perguntava: Biloca está sentindo alguma coisa?

E ele: naaammmm.

E eu: e porque você está descendo na cadeira?

E ele: nadica de nada é só medo.

E eu prossegui, até chegar o momento da “distração” propriamente dita.

Quando segurei o “alicate” e ele viu, fechou os olhos, e acho que se danou a rezar.

No momento em que posicionei o “alicate” no dente, ele foi descendo mais ainda na cadeira, e eu perguntava se estava doendo, afastava o alicate, e ele dizia: naamm.

Só que ele continuou descendo, e só consegui concluir o procedimento, quando ele topou com os pés na parede, e não tinha mais para onde descer. Porém, eu fiquei quase de “coca” e a coluna “rangeu”.

E para fazer a sutura? No interior, dente que precisa de “ponto” é dente difícil ou dente “quêro”, mas eu fazia sutura após todas as exodontias. E o danado do Biloca começou tudo de novo.

Resultado: pensei em mandar fazer um tamborete pequeno, para usar nestas ocasiões, senão ficaria aleijado. Mas fiquei foi “penso”, porque o tamborete não saiu.

SAGA DE BERADEIRO – APERREIO NO ÔNIBUS

Em tempos atrás, uma cidade do interior só tinha uma empresa de ônibus. Não tinha essa história de alternativos e vans. Na cidade em que eu trabalhei como dentista era nesse modelo, e o dono gostava de dirigir o único ônibus que tinha cadeira semi-reclinável e ar-condicionado, mas sem banheiro.

Ocorre que esse cidadão é daquele tipo de beradeiro bruto. Do tipo que compra uma galinha viva para o almoço, entrega a mulher e ela pergunta: é para matar? E ele responde: não, dê uma surra e mande embora. Só pra se ter uma ideia. Bem “mansim”.

Durante as viagens, ninguém tinha coragem de falar com ele. Nem o cobrador.

Pois bem, um amigo estava nesse ônibus, e para azar dele, sentiu um “vu vu vu” na barriga. Segurou até onde pôde, com medo de ter que falar com o dono/motorista/bruto, pois a próxima parada ainda estava longe.

Mas, chegou uma hora que a situação ficou crítica, e a "prega mestra" enviou a seguinte mensagem para o cérebro: QSL... Vê se adota providências imediatas... não suportarei por muito tempo essa pressão...estou num cabo-de-guerra sozinha contra uma jamanta...câmbio.

O amigo, vendo o tamanho do problema, criou coragem e foi falar com o tal motorista. Sabe aquele andar de "bichinha encabulada"? Um pé na frente do outro, passos curtos e bem devagarzinho. A distância da sua cadeira para a cadeira do motorista tornou-se uma maratona. Nessas horas, as mãos são inúteis, e não adianta correr. É pior.

Pigarreou e engrenou a pergunta:

Seu "fulano" estou passando mal e gostaria de saber se o senhor pode parar o ônibus? É uma urgência (na realidade era uma emergência, pois se ocorresse o "derrame" dentro do ônibus, os cinco magrinhos que lá estavam iam morrer na hora).

O motorista todo invocado disse: você sabe que não posso tá parando pra todo mundo que quer cagar fora de hora, mas como você está muito branco, eu vou parar. Andou ainda mais um pouco, e parou.

O amigo desceu, e quando olhou ao redor não viu nem uma pedra, uma árvore, uma cerca, um murinho, uma moita... Nada.

Mas, naquela precisão, correu para detrás do ônibus, e ficou com o fi-o-fó virado para a estrada, correndo o risco de vir outro carro na mesma direção.

Fez o serviço, usou a cueca para dar uma geral, e jogou em cima da produção. Ficou que nem àquelas cruzes de beira de estrada – marcando a cena e mantendo a lembrança.

SAGA DE BERADEIROS – A VIAGEM DOS SONHOS

Quando alguém "ajunta" um "mói" de beradeiros, tem certeza que vai ter muita coisa para contar. Ainda mais se esse "ajuntamento" for para passear de buggy na beira-mar.

Ora, se matuto só é acostumado com jumento, jipe e caminhão, e no máximo na beira de rio, como é que se quer fazer esse povo dirigir buggy no meio das dunas, andar de balsa para travessar rio e rodar o dia todo?

Pois é, essa turma se danou no mundo, para ir de Natal a Touros pela beira-mar, em três buggys.

Ia tudo bem, até que foi necessário sair da beira-mar e pegar uma estrada estreita e de terra batida. Uma das madames estava sentada na tampa do motor de um dos buggys, e a tal da saída de banho inventou de "enganchar" na correia do motor. Resultado: torou tudo.

Para completar a "munganga", outro buggy furou um dos pneus grandes, quase na mesma hora. A situação ficou caótica, pois estávamos em uma estrada estreita, no meio do sol e com dois carros em pane.

No caso do carro com a correia quebrada, a decisão foi de tentar levá-lo à cidade mais próxima, pois se presumia que dava certo. E deu. O carro conseguiu chegar à vila da Praia de Caraúbas. O problema é que numa cidade do interior que se preza só tem um mecânico, e em dia de sábado, ainda mais ao meio-dia, ele já está totalmente embriagado. Não deu outra. Quando conseguimos encontrá-lo, o famoso "Ruela" já estava só o pito. Mas deixamos o carro assim mesmo, pois ele prometeu que quando ficasse sóbrio ia dar uma olhada. E olhe que nós estávamos esperançosos de que ele ficasse sóbrio. Será?

Já no caso do pneu furado, a história ficou cômica. Um buggy tinha pneu step, mas não tinha chave de roda e nem macaco. Outro buggy tinha a chave de roda, mas não tinha step e nem macaco. E o que estava quebrado só tinha um macaco todo enferrujado.

Na areia e com um macaco desse modelo, não tinha o que fazer. A sorte foi que ia passando um caminhão com aquelas pedras grandes que chamamos de "xexo", e jogou duas delas no chão, na tentativa de nos ajudar. E olhe que nós estávamos travando a passagem, pois a estrada era estreita. Mas, conseguimos afastar o buggy, e eles passaram.

Com este "xexo", conseguimos trocar o pneu, e prosseguir viagem em dois carros. Uma turma ficou na vila, enquanto fazíamos o trajeto de duas vezes em um dos carros.

Na volta a Natal, tinha que ser à noite, pois se a Polícia Rodoviária nos parasse, ia ficar todo mundo, devido ao "excelente" estado dos equipamentos dos carros (quando tinha).

O serviço de "Ruela" foi tão bem feito, que na volta ficamos na seguinte situação: o buggy da frente era o do conserto de Ruela, e estava vazando um óleo "amuado", mas tinha farol funcionando. O que ia ao meio, que eu dirigia, não tinha farol, e tinha que ir atrás desta porcaria. Eu não via nada, porque o para-brisa estava cheio de óleo, e quando colocava o rosto de lado, eram os meus óculos que ficava cheios de óleo. O último era o melhorzinho, mas não podia furar o pneu, pois não havia mais step.

Resultado: tivemos sorte, pois conseguimos chegar a Natal, mas ficamos com a plena certeza que ser bugueiro não é para qualquer um, ainda mais se for um beradeiro desligado.

CRÔNICA DO COTIDIANO – UM TAL DE VOUCHER

Época de férias é uma onda. Tem de tudo um pouco: excursões, farofeiros, cruzeiros e simples viagens.

Numa dessas viagens, um colega beradeiro aprontou uma, pois jamais tinha ido a um hotel. No máximo, uma hospedagem numa Kombi - (não vou dizer o nome, senão ganho um inimigo). Ajudado por colegas, fez a reserva em um hotel, pela internet, e levou a família: esposa e dois filhos. Os colegas fizeram todos os demais procedimentos e entregaram a ele a confirmação da reserva.

Ao chegar ao hotel, o recepcionista perguntou se ele tinha trazido o VOUCHER. Ele de pronto respondeu: não. Só veio eu, a Gorete - minha esposa, o VALTER e o VOLBER - meus filhos. Não sei nem quem é esse tal de Voucher, e tenho pena dele, pois o cabra só nascer uma vez, e ainda ter um nome desses. É sacanagem dos pais.

O recepcionista ‘tá até hoje se mijando de rir.

CRÔNICA DO COTIDIANO – ANO QUE SE VAI, ANO QUE SE VEM

É, 2013 foi especial. Até a cirurgia me ajudou a voltar a escrever e ficar mais tempo com a família. Mas 2014 vai ser mais especial ainda. Teremos muitas comemorações: no meu caso, farei 35 anos do Pré-Marista, 30 anos de formado em Odontologia, 23 anos de casamento, 23 anos de formado em Educação Física, 23 anos de trabalho na ETFRN/CEFET/IFRN, sem falar que ficarei um ano mais experiente.

Ana Flávia completará 20 anos de formatura, e teremos os muitos aniversários das filhas e familiares.

Juntando todas estas comemorações com o Carnaval, Copa do Mundo, São João, os feriadões e os finais de semana normais, os whiskytórios convencionais, além das eleições, acho que vão sobrar poucos dias sem ter farra.

Dessa forma, já estou pesquisando em todos os grandes magazines e nos sites de vendas pela internet se há disponibilidade de fígado, para entrega imediata, pois ainda esqueci-me de falar do Réveillon.

CRÔNICA DO COTIDIANO – UMA VIAGEM ARRETADA

Já viajou de avião de Natal para Maceió? Em certas empresas, você viaja quase o Brasil todo para chegar lá. Porém, no ano passado, consegui um voo da Avianca: Natal-Recife-Maceió, pois estava indo para um evento de Gestão de Pessoas.

Fui o último a embarcar, pois quando cheguei ao salão de embarque constatei que o avião ainda era do tempo de hélice, e eu queria ver se os demais passageiros iam ter coragem de viajar.

De repente, a funcionária que conferiu a minha passagem no embarque passou por mim quase correndo, e eu fiquei curioso para saber o que estava acontecendo. O fato é que a coitada, além de nos atender no portão de embarque, também é quem nos recepciona na porta do avião, próxima a uma escadinha de três degraus (parecida com aquelas de alumínio que temos em casa).

Foi aí que vi o porquê do avião não encostar-se àquelas passarelas de embarque. Bem baixinho, quase arrastando no chão.

Como não deu tempo ir ao banheiro no aeroporto, antes da partida pedi para ir ao WC. Foi uma surpresa. Você passa por uma cortina e entra num espaço com um monte de mala (é o bagageiro do avião). Se estiver embriagado e apertado, vai urinar nas malas mesmo.

Ao retornar ao assento, vi a aeromoça com uma cestinha distribuindo balas XAXÁ. Rapaz, como sou dentista, fiquei observando o pessoal, em busca de situações engraçadas. Essa bala é daquela que gruda em tudo. Quem usa "chapa" se lasca. Vi um cidadão com um pigarro da peste, e logo descobri que a danada da bala devia ter colado no "pinguelinho" da goela. O bom é o pessoal disfarçando para descolar a bala do céu da boca. É uma agonia.

Como a aeromoça já sabe disso, logo vem passando com uns copos d'água. Mas essa é uma situação cômica. Como

o voo é rápido, ela passa quase jogando os copos nos nossos peitos e dizendo: olha a água, olha a água, olha a água... (até parece vendedor de praia), e quando você está no último gole, ela volta recolhendo os copos, dizendo: copos aqui, copos aqui, copos aqui.

O momento da decolagem é hilário e apavorante ao mesmo tempo. Sacanearam com as aeromoças desse tipo de avião. Além de ser sozinha, a cadeirinha dela fica de frente para o corredor, bem no meio. Nas outras empresas fica todo mundo escondido. Essa coitada tinha as "canetas" bem fininhas. E quando sentou na cadeira e apertou o cinto, você via a seguinte cena: duas canetinhas bic, bem juntinhas (igual fica num lapiseira), com as mãos no colo, e olhando para um ponto fixo no meio do nada. Pense numa vergonha.

E a "embalagem" do avião para subir. Tem força não. Você só se lembra dos Flintstones e tem vontade de colocar os pés no chão para ajudar.

Esse é o preço que se paga para chegar ligeiro.

CRÔNICA DO COTIDIANO – CASAMENTO ENCHARCADO

Peennnsseee num casamento. Pensou? Esse foi melhor.

Muita gente na festa de recepção, banda da melhor estirpe e, consequentemente, muita birita. Os amigos do noivo encheram a cara dele "da mardita". O combinado era: os recém-casados dormiriam em um hotel em Natal, e embarcariam para Nova York no outro dia às 14h. Portanto, deveriam estar no aeroporto ao meio-dia.

Acontece que às 3h da madruga, só estavam no salão de festas o noivo (ou o seu projeto), o irmão, a mãe, a noiva e um amigo do noivo (que é médico, mas também estava só o bocal).

O recém-casado estava passando mal e foi levado à urgência de um hospital, e a noiva, vendo a situação, pediu para ser logo deixada no hotel.

O quadro no hospital era uma atração: todo mundo já sabia que um era recém-casado, e que a noiva estava sozinha no hotel esperando por ele. A cena era de dois cabras de paletó dormindo nas cadeiras (um tomando o kit biriteiro – plasil, glicose, dramin e soro, e o outro, que deveria ser o auxiliar e vigiar o soro, estava roncando).

Já amanhecendo o dia, o irmão levou os dois do hospital, e quando chegou ao hotel, o recém-casado sequer conseguiu sair do carro. Então, sem outra opção, o irmão levou o condenado para a casa dos pais.

Em casa, ele conseguiu sair do carro e fez carreira para o quarto dele (acho que nem se lembrava de que tinha casado). Deitou na cama de paletó e tudo.

Ocorre que a mãe ao acordar, encontrou o sacana em casa. E pior, na mesma cama estava dormindo o namorado da irmã, e nenhum dos dois se deu conta. A sorte do cunhado foi que estava de banda e com a bunda encostada na parede.

Escapou por um triz...

CRÔNICA DO COTIDIANO – REI DO CHOPP

E essa história de bebida? Quando falo em bebida, não é essa besteirinha de água, leite, suco e chá não. É birita mesmo.

Temos um amigo que andou bebendo muito (ainda é o Rei do Chopp), e devido a algumas outras coisas, necessitou fazer umas sangrias, visando organizar a sua ferritina.

Certa vez, estava fazendo a tal sangria num hemocentro, e o pessoal da administração se assustou com um congestionamento na porta do estabelecimento.

Sabe o que foi? O cidadão anunciou que após cada sangria nele, o hemocentro ia vender álcool abaixo do preço de mercado, e ele era o fornecedor. Ele não tem álcool no sangue, e sim partículas de sangue no álcool. É tanto que quem analisa as taxas dele atualmente não é um médico, é um técnico da indústria etílica. Esse negócio de plaquetas, hemácias e leucócitos é coisa do passado. O técnico analisa é o nível de malte, lúpulo e fermento dele.

Já causou congestionamento até na escada rolante de um shopping. Estava com a lata tão cheia, que não conseguia acertar a passada para pisar na escada rolante. E foi só juntando gente para ver a presepada.

Ele foi o autor daquela frase que foi publicada e depois proibida: “se for dirigir, não beba, e se for beber, me chame”. Foi proibida porque ele processou quem publicou. O negócio é que na frase original era – se for beber CHOPP, me chame.

O engraçado é que todo cidadão, quando fica “encharcado”, apresenta defeito no feixe de molas de um dos lados. Anda todo “penso”. Nunca gira o corpo, faz é um contorno.

Quer testar?

Encha a lata e depois pergunte aos presentes.

CRÔNICA DO COTIDIANO – CEGUEIRA DAS CORES

Sorte ou falta de sorte? Sei lá.

Acromatopsia? Você sabe o que é? Popularmente é conhecida como a cegueira das cores. Cientificamente é um problema de num sei que lá, num sei que lá, num sei que lá, bem invocado. E, didaticamente, é uma situação em que o sujeito não identifica determinadas cores, em especial as cores pardas.

Esse troço só acomete 7% da população masculina mundial. E adivinhe que foi "premiado" com isso? O leso aqui. Um mundo tão grande, com tanta gente, e essa porcaria vir me achar aqui em Natal.

E é por isso que faço parte da história da educação mundial, pois sou o único cidadão do mundo que repetiu o jardim de infância. Isso mesmo, repeti o jardim de infância. Fico pensando naquelas coleções de lápis coloridos em cima da mesa (que tem umas 200 cores), a professora me mandando usar a cor verde, e eu tateando todos os lápis, e pegando exatamente os que não eram verdes. Castigo na certa.

Já mais crescido, devo ter usado algumas velhas táticas de sorteio:

"je-sus- dis-se - que - eu -es-co-lhes-se - es-se - da-qui" (como se Jesus, com tantos pedidos importantes, fosse ficar escolhendo cores pra mim), ou.

"pan – dê – co – lê – dá – pá – dé – pi – pê – rú – gê – pan – dê – pê" (esse é de lascar).

Porém, só fui descobrir oficialmente essa dificuldade visual quando já estava na faculdade. Minha sorte foi que, quando criança, nunca escolhia roupas (antigamente era assim), no colégio havia farda e na faculdade andava de branco.

Certamente foi motivo de muito fora de namorada. Elas pensavam – ô cara de mau gosto. Quando namorava com Ana Flávia, quase nunca saía nos finais de semana, e ela só veio me dizer, depois de casada, que era porque eu estava feito um

papangú. Se fosse hoje, eu seria o Agostinho da Grande Família – era troncho mesmo.

Certa vez, em um evento de RH, o colega de apartamento sabia dessa minha dificuldade com as cores, e que minhas roupas iam arrumadas na mala já com as "pareias" separadas, e resolveu fazer uma mistura, enquanto eu tomava banho. Quando saí do banho, ele já tinha saído para a solenidade de abertura. Então, troquei de roupa e me mandei. Já no corredor do hotel, notei que as pessoas me olhavam diferentes. No elevado foi pior, pois algumas pessoas ficaram rindo. Quando a porta do elevador abriu no saguão do hotel e o pessoal desceu, a colega do RN que tinha ido comigo não me deixou nem descer, e foi logo dizendo: volta, volta para o apartamento, e pela caridade troque de roupa, porque o negócio tá feio. Voltei. Mas, e daí? Ia fazer o quê? Estava tudo esculhambado e eu não sabia nem o que procurar. Então, peguei uma calça escura e uma camisa escura e pronto, tudo resolvido (pelo menos pra mim).

Mas, hoje em dia ainda tem os sacaninhas que inventaram tal de degrade. Achando pouco já ter o verde, agora tem o verde claro, verde escuro, verde oliva, verde mais ou menos, verde mato, e haja verde. Só me lasco.

Se me convidar e não quiser que eu chegue à sua casa, é só não dizer o número e dizer a cor. Se não tiver copiloto, num chego não.

Falar em copiloto, eu dou o maior valor quando tem alguém no carro, porque de vez em quando é necessário opinar sobre a cor do sinal de trânsito. É cada susto invocado...

Na maioria das vezes, vou na onda dos carros vizinhos. Se eles fizerem merda, eu vou junto, só para ser solidário...

CRÔNICA DO COTIDIANO – O CARRO QUE EU LEVAVA PARA PASSEAR

Na terra do sol, das praias e das dunas é muito bom andar de buggy. Tem muita gente que possui buggy e usufrui bastante.

Acho que a única pessoa que o buggy não o levava para passear, e sim, ele é que levava o buggy para passear, era eu. Não fui o dono do buggy. Ele é que foi meu superior.

Mesmo assim, tentei deixá-lo de primeira. Tinha até cinto de segurança. Mas faltava pneu de step, buzina e outros apetrechos.

O danado do buggy tinha vontade. Só andava quando queria. Fincava pé, que nem jumento em beira de estrada. Eu nunca sabia se ele queria andar comigo. Era de veneta. Tinha dia que nem no empurrão ele queria pegar.

Para se ter uma ideia da "prejura", quando eu ia deixar minha filha na escola, ela pedia para eu não parar na frente da escola (tinha vergonha dele estancar e ter que empurrar o bicho).

Não tinha marcador de nada. O nível da gasolina era verificado com um pedaço de cabo de vassoura. Os faróis estavam sempre brigados. Nunca vi os dois acesos de uma só vez.

Sinaleira? Nem pensar. Se eu não acenasse com o braço que ia entrar para um dos lados, tinha levado muita porrada.

Teve uma vez que um mecânico foi mexer no motor do sacana do buggy, e depois de um tempo catucando, olhou pra mim e disse: você ainda tem coragem de gastar dinheiro nesse projeto de carro?

Vendi no mesmo dia. Consegui achar outro abestalhado.

CRÔNICA DO COTIDIANO – MEU VELHO FUSCA

Eita, fusca velho de guerra. É um carro pra toda obra. Quem nunca teve um, pelo menos tem um parente ou amigo que teve ou tem.

O meu primeiro carro foi um fusca, e era possante: de bom, tinha o motor 1.600, volante esportivo e pneus largos. O resto? Era o resto (literalmente). Começando pela cor: amarelo queimado. Certamente, na hora de comprar, fui enrolado no que se refere à cor. Tinha ferrugem para todo lado. Em dia de chuva, era melhor ficar do lado de fora do que andar nele.

Dei carona a um amigo, após a pelada de futsal do sábado à tarde que tinha no Campus Universitário, e estava chovendo. Na primeira poça d'água, tomamos uma "xiringada" de água bem no meio dos peitos. Qualquer coisa solta no piso do carro ficava boiando.

Quando saía com Ana Flávia nesse carro, era um problema – ela toda arrumada, perfumada, mas bastava eu dar uma acelerada, que "empestava" o carro com o cheiro de gasolina. Se ela não andasse com perfume na bolsa, ficava fedendo a noite toda.

Depois de um conserto no eixo deste possante por um mecânico embriagado numa manhã de sábado, o bicho ficava fazendo a curva só para um lado. Para o lado direito, ele girava tudo, e para o lado esquerdo, não girava quase nada. Para fazer a curva para esse lado, era um vai e vem da peste. E esse serviço foi feito justamente quando eu ia participar do primeiro veraneio com a família de Ana Flávia. Pense numa vergonha. Logo na saída, arranhei o carro nos pilotis do prédio da tia dela, pois não tinha como sair, fazendo a curva só para um lado.

Tinha uma folga tão miserável no volante, que quando alguém estava de carona e eu fazia uma movimentação exagerada no volante (só de sacanagem), o carona dizia: ei, né nessa rua que é para entrar não. E eu dizia que não estava fazendo

a curva não, estava só "aprumando" o volante. A pessoa só faltava fechar os olhos, de tanto medo.

Outra vez, estacionei na porta de um restaurante, pois era uma comemoração da turma de Odontologia. Na saída, na frente de todo mundo, o sacana não pegou, e juntou uma turma arrumada para empurrar – vergonha total.

Depois de tanto aperreio, resolvi vender. Ocorre que, depois do anúncio de venda, eu viajei. E meu pai ficou com uma missão inusitada: se o comprador quisesse testar o carro, tinha que dizer a ele para andar devagar e só de um lado da rua (o lado que não tinha buracos), pois a bateria ficava apoiada numa pedaço de madeira, porque a ferrugem já tinha corroído o piso do carro (no fusca, a bateria ficava debaixo do banco do passageiro).

Perdi o velho companheiro de viagens e de biritas, mas muita gente agradeceu e vibrou após a venda.

Mas um fusca será sempre um grande companheiro.

CRÔNICA DO COTIDIANO – AMIGOS, AMIGOS – GASES A PARTE

Atualmente, cada situação que vivencio, já fico pensando no que vou escrever de forma cômica. Ao assistir uma palestra sobre a produção de gás natural no Brasil, e sua consequente distribuição e importância para a sociedade, já peguei o bloco de anotações e caneta entregues na entrada e fui escrevendo as minhas besteiras.

Tendo em vista que o gás natural é a porção do petróleo que existe na fase gasosa, e que dentre os seus componentes consta Oxigênio, Gás Carbônico e Enxofre, foi inevitável não associar estas informações aos gases produzidos pelo ser humano – os populares peidos.

Considerando o que foi dito sobre a produção de gás e a riqueza que traz para as regiões que o produzem, fiquei pensando o quanto alguns colegas meus poderiam estar ricos, pois produzem gases em escala industrial. Esses colegas são "verdadeiros latifundiários" de gás sulfídrico, que contém enxofre e é responsável pela grande diferença com o gás natural – o cheiro (a catinga). A dieta dessas peças impolutas é constituída por pratos com couve-flor, ovos e carne, que são especiarias notórias por produzirem peidos malcheirosos.

O gás natural não precisa explodir e nem fazer barulho na sua produção. Já o peido tem um som que depende da velocidade da expulsão do gás e da "embocadura do caneco".

Esses colegas ultrapassam todas as estatísticas de produção. Em média, uma pessoa normal produz mais ou menos um litro de peido por dia, distribuído em cerca de 14 peidos diários. Esses caras não. A produção é o triplo disso, e o barulho se assemelha a um terremoto.

A esposa de um deles já possui uma máscara respiratória natural, e às vezes nós pensamos que está com icterícia, de tão amarela que ela fica – também, aguentando essa pisada há mais de 20 anos – é uma sobrevivente. Até poderia descontar a sacanagem, pois as mulheres peidam tanto quanto homens. O caso é que os homens têm mais orgulho disso. De manhã, então. Sequer diz bom dia, já libera um trovão matinal, com ressonância amplificada.

Mas, são produtores de energia limpa, apesar de malcheirosa, e poderiam estar estimulando a economia do nosso estado. Muito ricos, certamente, já poderiam ser. Só não sei quem teria coragem de envasar essa produção deles...

CRÔNICA DO COTIDIANO – VUCO-VUCO NO "ISTOMBO"

Aperreio só presta grande, mas é bom que você avise ao seu organismo que não é preciso exagerar. Já passei muito aperreio na vida, mas tem dois momentos que ficaram marcados na mente e nas casas em que estive.

Namorando com Ana Flávia há apenas dois meses, fui veranear com a família dela na praia de Pitangui. Casa antiga, pequena, sem ser estucada, e daquelas em que o banheiro fica situado bem no meio da casa, exatamente entre a sala e a cozinha. E o pior, a parede do banheiro não vai até as telhas, pois é meia-parede.

Sendo assim, e devido a um vu-vu-vu repentino no "istombo", consegui esperar todo mundo descer para a praia, e fiz carreira para o tão sonhado vaso sanitário. Relaxei e fiz o "caneco" virar artista: uma obra gótica, e com forte odor.

De repente, escuto uma voz vinda da cozinha: que diacho é isto? Mataram um urubu aqui dentro? Era a tia de Ana Flávia, que tinha ficado terminando o almoço, e na hora que fui ao banheiro, ela tinha ido à despensa.

Fiquei pensando: e agora? Quando sair ela vai me ver e saber que eu sou o tal do urubu. Não adiantou, pois mesmo eu saindo sem ela me ver, ficou fácil saber quem era o autor da obra, pois só faltava eu lá na praia. Fiquei marcado na família dela como o cheiro podre de Pitangui.

Mas não ficou só nessa não. Fui ao aniversário de um amigo na casa de praia em Búzios, e bem no meio da festa lá veio outro vu-vu-vu. Um sol da peste e eu me arrepiando. A cerveja descia parecendo um rodo – jogava tudo lá pra baixo.

Perdi a vergonha e pedi para o dono da casa me indicar um local tranquilo. Não tinha. O mais perto era bem no meio da sala. E nesta peste de sala tinha três crianças assistindo televisão. Logo pensei: do jeito que criança é sincera, eu estou lascado se repetir a proeza de Pitangui.

Escapei fedendo... Aliás, cheiroso.

CRÔNICA DO COTIDIANO – O PERIGO DA ESCRITA LIGEIRA

Essa língua portuguesa vive nos pregando peças, ainda mais quando se torna necessário digitar de forma rápida. Se for nos celulares, os adultos "penam muito", porque ainda não inventaram um "apontador" de dedos que faça o mesmo trabalho do apontador de lápis. A cabeça dos dedos simplesmente não foi desenhada para este tipo de tecnologia.

Quando se parte para os computadores, notebooks, netbooks e outras máquinas, vêm o problema do travamento de teclas. Outro dia, um amigo que estava com muita pressa para confirmar um pedido a outra empresa, solicitou que a secretária fosse digitando um e-mail, pois seria necessário e urgente haver a solicitação por escrito, seguindo as normas da empresa fornecedora do serviço de adequação de ambientes para fins de isolamento acústico e de odores, devido trabalhar com agentes químicos.

E foi logo dizendo assim: vamos, vamos, vamos, digita rápido. Coloca um cabeçalho, dá espaço e digita o texto. E lá se foi à secretária:

"PEDIDO

Caro Senhor Fulano,

Conforme contato prévio, solicito encaminhar o pedido, urgentemente, na forma que combinamos, **considerando** que é necessário organizar o ambiente físico de uma sala para manipulação de componentes, pois é importante o isolamento acústico, assim como evitar que o cheiro se espalhe pelos outros ambientes da empresa".

Tendo em vista que a tecla da letra D estava travando de vez em quando, o e-mail saiu assim:

"PEIDO

Caro Senhor Fulano,

Conforme contato prévio, solicito encaminhar o **peido**, urgentemente, na forma que combinamos, **considerando** que é necessário organizar o ambiente físico de uma sala para manipulação de componentes, pois é importante o isolamento acústico, assim como evitar que o cheiro se espalhe pelos outros ambientes da empresa".

Resultado: o cidadão que ia fornecer o serviço não se fez de rogado, foi à empresa dele e deixou todo mundo abismado, porque "mandou ver" logo na recepção, e ainda deixou em cima da mesa a confirmação de pedido.

Ninguém podia reclamar.

CRÔNICA DO COTIDIANO – REPARAÇÃO

Nada melhor do que, após um dia cansativo de trabalho e de fisioterapia, você ter um sono REPARADOR. Os especialistas sempre dizem que o importante não é a quantidade de horas dormidas, mas a qualidade destas horas. Pois bem, de ontem para hoje eu tive um sono bem REPARADOR. Passei a noite toda REPARANDO tudo o que passava na televisão e ao meu redor, e não tinha nem uma bandinha de remédio para dormir. Assisti até programa de vendas (o lado bom da coisa: fiz uma pesquisa de preços arretada, e só repasso mediante pagamento antecipado e em euro). Tô só o "mi da pipoca", com os "zói" vermelhos, mas cheio de informação (ô consolo besta da p...).

CRÔNICA DO COTIDIANO – MÍDIAS SOCIAIS NA VIDA DE UM BERADEIRO

Feicebuk, uatizapio e tuite. Nessa era da informação rápida e rasteira, as pessoas estão se comunicando muito e rapidamente. E haja aperreio.

O tal do "Uatizapio" é uma "caninga" só. O celular apita toda hora, e ainda tem gente que bota uns toques de alerta bem interessantes. Um colega colocou o relinchar de um jumento e outro colocou uma buzina de caminhão. Não tem quem aguente. Uma colega colocou o toque que é "o gritinho de chatura de uma dondoca alvoroçada quando alguém diz que a cor das suas unhas não está combinando com a cor do terceiro botão do lado esquerdo da sub-blusa que ela está vestindo". Lembre-se da dondoca mais chata e mais fresca que conhece, e imagine esse som: aaaaaiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiêêêêê. Rapaz, quem está ao lado dela na hora que a peste do celular apita só tem vontade de dar-lhe um cascudo.

No caso do Tuite, já foi descoberto que o inventor é homem. Jamais seria uma mulher, porque as conversas são curtíssimas. O povo gosta é de dizer o que está fazendo, pois acha importante e pensa que todo mundo quer saber. O danado é que se fosse mesmo importante, a pessoa não ia parar de fazer para tuitar. E o danado é que o importante é ter muitos seguidores, e cada vez mais. Mas, acho que esse negócio não é legal não. Jesus só tinha 12 seguidores, e um ainda o lascou. Quanto mais essa negada que quer ter milhões de seguidores. Vai só se lascar.

CRÔNICA DO COTIDIANO - EITA, AINDA TEM UM TAL DE "ISTRAGADO"

Pois é, além das pestes apitantes que já falei, ainda tem esse tal de instagran. É para se lascar mesmo. Além de postar um monte de porcaria, agora se posta as fotos para comprová-las.

É lógico que nem sempre é assim. Mas um colega lascou-se. Estava no maior romance com uma doidinha e era tudo escondido da mulher. Usava uatizapiu, feicebuk e tuite. No dia que inventou de usar o istragado – deu zebra.

Estragou tudo, literalmente. Postou a foto dos dois num motel, logo na hora do "canguru cambeta", "carrinho de mão desgovernado" e "vai que é tua Taffarel". Quando a mulher descobriu e viu, não o deixou nem entrar em casa.

Hoje, não pode nem ver uma máquina fotográfica, e voltou a usar celular sem câmera – daqueles que quando o ladrão vai lhe roubar e vê a desgraça, lhe dá uns trocados.

CRÔNICA DO COTIDIANO - TREINANDO O "INGRÊS"

Nessa época de Copa do Mundo, tem muita gente correndo atrás do tempo perdido no aprendizado de outra língua. Nós, nordestinos e do Rio Grande do Norte, já falamos duas: Português e Potiguês. Então, aprender outra língua já nos torna poliglotas de alto nível.

Foi indo nessa onda que me aventurei no inglês quando minha filha viajou aos Estados Unidos. Precisando saber como ela estava, e se estava gostando da viagem, resolvi ligar para o hotel. Começou mais uma saga de um beradeiro. Preste atenção na pronúncia carregada e na velocidade:

Eu: Reloouu! (se do outro lado estivesse uma brasileira que mora nos EUA, teria respondido – relou nada, foi só uma pancadinha).

Recepcionista: Hello! What you want? (sei lá se foi isso)

Eu (pense na categoria desta frase, e imagine a fala bem lenta e com sotaque muito carregado): – Ai uante tu talque Larissa Vianna.

Recepcionista: bláblábláblá, bem rápido. (eu não entendi nada)

Eu: Aiiiidonteundestande. Issssspiiiiiqueisssslouoooooliiiiiii.

Recepcionista: sei que lá, sei que lá, sei que lá (já pensando que estava falando com um débil).

Eu: Aiiidonteundestande, plisi. Ai uante tu talque Larissa Vianna.

Recepcionista: (deve ter ficado p. da vida, e já passou a ligação para o apartamento, e eu só entendi um tal de "tenquis").

Resumo: tenho que treinar a terceira língua. Pode até ser o ingrês, mas acho que o javanês é mais fácil.

CRÔNICA DO COTIDIANO - CUIDADO! A VISTA TRAI

Você já prestou atenção em alguém limpando a lente dos óculos dentro de um carro? Se não, passe a prestar atenção a partir de agora.

Um colega estava limpando as lentes dos seus óculos no momento em que o carro que dirigia parou no sinal de trânsito. E, neste momento, enquanto fazia esta limpeza, ficou contemplando os carros ao seu redor, as pessoas que atravessavam a rua, como se estivesse fora do ar. Olhar por olhar.

Ocorre que, no carro ao lado, havia uma senhora como motorista e uma moça no banco do carona. Displicentemente, ele olhou para ambas, assim como já estava olhando para todas as demais pessoas que iam passando.

Mas a danada da senhora, que deve ter uma mente poluída "até a tampa", imaginou que ele estava se masturbando (é verdade, o movimento de quem está limpando a lente dos óculos é semelhante ao de um "soltador de pipa") e pegue a gritar, o chamando de pervertido, tarado, maníaco. Logo, todos os que estavam passando na rua ficaram olhando para ele, e alguns já se aproximando como se fossem linchá-lo. E ele, sem ter uma reação, pois não entendia nada, não falava nada, sequer imaginou que se levantasse as mãos com o lenço e os óculos já resolveria tudo.

Porém, só quando um cidadão chegou bem perto da janela do carro e viu o que realmente estava acontecendo foi que os ânimos foram se acalmando, pois ele avisou à senhora do carro ao lado que o rapaz estava apenas limpando a lente dos óculos.

Ele estava paralisado, mas conseguiu levantar as mãos. O sinal abriu, e a vida continuou. Deste dia em diante, nunca mais limpou a lente de óculos dentro do carro. Ô bicho frouxo.

Cuidado! Não julgue pela aparência dos atos. A vista trai.

Mas até hoje ele está arrependido, pois a mocinha do banco do carona merecia o que a mãe imaginou. Aaaahhh veinha safada.

CRÔNICA DO COTIDIANO – MANIA FEMININA

Os médicos que realizam ultrassonografia, para descobrir o sexo dos bebês durante a gestação, estão preocupados com o novo método apresentado recentemente, pois dispensa exames complexos: se o bebê chuta - será homem, e se realiza movimentos semelhantes a quem está riscando - será mulher, pois já está aprendendo a passar o cartão de crédito. E ninguém me alertou. É por isso que minha esposa nunca sentiu um chute e as minhas três filhas gostam tanto de gastar. Tô "pebado".

CRÔNICA DO COTIDIANO – CUIDADO COM O CALIBRE DO BICHO

Reunião para produção de material destinado a cursos de capacitação, e daquelas em que todos estão muito atarefados. E eu só observando o que é dito por cada um, pois estava participando de outra agenda e cheguei ao meio do trabalho. Além de mim, estavam presentes um marmanjo e duas madames.

De repente, começa o seguinte diálogo entre estas três pessoas:

- Madame 1 para Marmanjo – Você tem aquele negócio que coloca aqui (e aponta para a entrada do notebook)?

- Marmanjo – Tenho.

- Madame 1 – É da cabeça grande ou pequena?

- Marmanjo – É média.

- Madame 1 – Deixa-me colocar aqui no buraco para ver se cabe. Ihhh, ficou frouxo. Ainda é pequeno.

- Madame 2 – Vixe! É porque tem de todo tamanho. Tem uns mais fininhos e uns mais grossos. Veja o que eu trouxe na bolsa, pode ser que caiba.

- Madame 1 – Naaannnn! Esse é grosso demais.

- Madame 2 – Mulher, tu é muito chata. Nunca fica satisfeita. Como é que quer ser feliz, se reclama do fininho e do grossão?

- Marmanjo – Deixe-me tentar colocar. Pode ser que com jeitinho encaixe.

- Madame 1 – Então chegue. Será que se enrolar o fininho, ele cabe?

- Marmanjo – Tem jeito não. O fininho não consegue encaixar o ponto de contato e o grosso nem sequer entra.

E então entra o rapaz do cafezinho. Sabe aquela cara de safado, de quem viu as calcinhas de uma donzela que cruzou as pernas e esqueceu que estava de saia curta? O sacana devia ter escutado tudo, e ficou parado atrás da porta só esperando a melhor hora para entrar e pegar no flagra. Lascou-se. Deixou o café e saiu.

Foi quando alguém finalmente falou alto: nunca me lembro de trazer o carregador do meu notebook, porque este modelo é antigo, e nunca acho um cabo que tenha o cabeçote adequado.

VIIIIIIIIIGGGGGGEEE. Não sabia que notebook tem o tal do “ponto G”.

CRÔNICA DO COTIDIANO – A CIRURGIA - O INÍCIO DE UMA SAGA

Você já se internou em hospital para fazer cirurgia? Ainda não? Dê graças a Deus.

Minha cirurgia foi agendada para as 13h, e a orientação era de chegar ao hospital às 10h, e em jejum. Um cidadão do meu tamanho e com um bucho em progressão geométrica, ficar esse tempo todo sem alimento é de lascar. Mas foi o jeito.

Cheguei como um autêntico nordestino britânico, às 10h, e o hospital tinha duas recepções. Numa delas, tinha um letreiro bem grande - INTERNAMENTO. Ao me dirigir à atendente desta recepção, ela perguntou: é internamento? Se eu fosse "Seu Lunga", ou estivesse com o espírito dele, já ia bagunçar logo de cara. Mas o cidadão, quando está indo para uma cirurgia, já vai em jejum e nervoso, e fica mais fraco do que caldo de biloca. É o popular (com todo respeito) extrato de pó de peido.

Então, entreguei minha documentação e todos os exames, incluindo os do ano passado (pois deveria ter feito esta cirurgia em 2012, mas afrouxei), e haja assinatura, digital, assine aqui, rubrique ali, digital de novo, enfim.

Ao concluir, a atendente pediu que eu aguardasse que um maqueiro viria me levar ao apartamento. Em instantes, chega o maqueiro, pega a documentação na recepção, dá uma lida rápida e chama o meu nome.

Ops, sou eu.

E ele pergunta: é possível ir andando? (deve ter lido que a cirurgia era de joelho). Como eu já estava de pé, ficou difícil dizer que não. Perdi a chance de ir de cadeira de rodas. Mas quem foi me visitar sabe do que vou falar: o apartamento era o último, da última ala e do último corredor. Ao chegar, só não desconfiei que estivesse na porta do céu porque a imagem ao lado da porta era de Santa Terezinha, e não de São Pedro.

O maqueiro abriu a porta e apresentou tudo do apartamento, informando que depois viria me buscar para levar ao centro cirúrgico. Nesse tempo de espera, a ansiedade é grande e surgem muitas ideias, inclusive a de fugir. Às12h, chega o maqueiro, me entrega três pequenos pacotes e informa: um é a proteção para os pés, outro é a proteção para a cabeça e o último é a bata. A bata deve ser vestida com a abertura para trás.

Então eu disse: meu amigo, a cirurgia é de joelho, e não de hemorroidas. E ele disse que era assim, devido à anestesia nas costas - a tal da raqui.

Assim sendo, começou a sacanagem. A população está ficando cada vez mais alta - é só olhar para os nossos filhos, mas as organizações não pensam nisso. Ao colocar a proteção dos pés, fiquei com o dedão e o vizinho voltados para cima, igual a sapato de palhaço, pois o tamanho era único, e o meu pé é 44/45, e largo que nem uma raiz de jacarandá. A proteção da cabeça ficou tão arrochada que fiquei com a marca de um capacete. Mas o pior foi a bata: tamanho único também, e não cobria nem o santo e nem o milagre. Ao sair do banheiro e entrar no quarto com ar-condicionado, me senti totalmente pelado no convés de um navio, com a proa e a polpa desabrigadas, e explorando a Antártida. Gelou até o cérebro.

Mas ainda ficou pior. Tive que sair do apartamento nestes trajes e deitar na maca (50 cm de largura e 1,70m de comprimento - fiquei com os pés de fora) para percorrer o hospital quase todo e chegar ao centro cirúrgico (lembra-se da distância do apartamento?). Ainda bem que o maqueiro me deu um lençol, senão o “recreador” ia conhecer o teto do hospital junto comigo.

Por que estou contando isso?

Não sei.

Só sei que foi assim.

SAGA DA RECUPERAÇÃO – O RECREADOR E A ÉTICA MÉDICA

Não é ficção, é realidade. Peço desculpas antecipadas pelas possíveis palavras chulas ou se alguém entender como desrespeito. Mas, como estou sem fazer nada, resolvi escrever.

Situação real: eu em um apartamento de hospital, pós-cirurgia, e com efeito da anestesia raqui. Resultado = os rins ainda sem funcionar.

Então, aperto o tal de um botão que toca na sala de enfermagem. Em poucos minutos chegam duas enfermeiras (é de se elogiar este hospital, pois além da eficiência na rapidez do atendimento, foram muito bem escolhidas - a equipe que seleciona os currículos é nota dez). Relato a situação, e elas dizem que vão preparar o material para inserir uma sonda, e que retornam em breve.

Fico na maior ansiedade, pensando no que vai acontecer.

Realmente, em pouco tempo elas retornam. Um monte de material, que logo espalham numa mesa auxiliar, e dizem que vão iniciar o procedimento. Ai, meu amigo velho, a mente humana começa a agir do jeito que o diabo gosta (desculpe a palavra diabo, mas é ditado popular, porque na realidade, qualquer um estaria na mesma situação).

Primeira situação: uma delas diz que vai baixar o seu pijama - pense num negócio que não se ouve toda hora, e nem de uma enfermeira de olhos azuis. Minha mãe estava me acompanhando nessa hora, e educadamente disse: é melhor eu sair, para vocês ficarem mais a vontade - há tempos atrás ela não diria isso. Se fosse Ana Flávia, acho que ela ia dizer: vá dizendo, que eu mesma faço.

Após a baixada do pijama, e com o “recreador” encabulado, a outra enfermeira (olhos castanhos) diz que vai passar um soro fisiológico, e que vai dar um friozinho - eu fiquei foi com medo de um choque térmico, porque o sangue já estava

fervendo, ainda mais porque uma segurava o recreador e a outra passava o soro. Como estavam de máscara, e não sei qual o parâmetro delas, não dava para saber se tinha algum risinho irônico ou se tinha alguma alegria. Depois do soro, disseram que iam passar um gel desinfetante. Ou seja, já estavam partindo para a sacanagem.

Mermão, tem condições não. Uma dor miserável no joelho, a bexiga 100% inchada e um incômodo da peste, e eu ali vendo duas mulheres alisando o recreador. Vai dizer que você ia pensar no The Voice ou na semifinal da Copa do Brasil? Minta não, rapaz. Nessa hora, eu já não conseguia olhar para elas.

Mas ficou pior, pois elas colocaram um campo cirúrgico (aquele pano com um furinho, que só fica de fora a área do tratamento). Resumo: o recreador ficou soberano.

Mas, quando tudo podia melhorar, vem uma pontada desgraçada, e a sensação de urinar para dentro. É a tal da sonda. Sai toda a urina, e elas passam a tratar o recreador como se fosse um ninguém.

Acho que é a tal da ética médica.

SAGA DA RECUPERAÇÃO – A FISIOTERAPIA

Fisioterapia! Ah, a fisioterapia.

Eu que pensava que a minha profissão de dentista era o terror da população. Como passo pela situação de dentista e de paciente, tenho a noção do que o caboclo sente quando está na cadeira do dentista. Porém, na fisioterapia, isso não acontece. Cheguei à clínica e fui levado a um local chamado Ginásio (antes de ver, achei que já ia começar jogando bola).

Do lado de fora é uma beleza. Portas de vidro, ar-condicionado, muitas macas, várias pessoas, fisioterapeutas e auxiliares. Muito movimento, mas sem som.

Quando abriram as portas e eu entrei, vi que a conversa era outra. Um tirinete de gente gemendo, gritando e reclamando de dor.

A fisioterapia é uma tortura educada. Tem conversinha não. Vi dois cabras brutos, desses beradeiros de alta linhagem, que jamais alguém imagina que o cidadão vai gritar de dor, gemendo e gritando de dor.

Esse foi o cartão de visita. Senti-me com a urina escorrendo.

Como era o primeiro dia, achei que ia ser maneiro: um gelo, uns exercícios de alongamento, ultrassom. Que nada! Perguntaram logo se eu tinha pena de mim. Se eu não tiver, quem danado vai ter? Imaginei o que vinha pela frente.

E pegue sofrimento.

Mas não tem nada não. Já estou acostumado: nordestino, liso, sem parentes importantes e vindo do interior, torcedor do América/RN (até hoje, a pior campanha da série A) e do Flamengo (ganha, mas não convence nem a mãe de pantanha). Então, segue a vida...

E viva a fisioterapia! (posso falar mal não, porque tem personalidades no IFRN que não posso decepcionar – Antonio Haesbaert, Gracinha, Priscilla Fernandes e Grácia).

SAGA DA RECUPERAÇÃO – CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Comédia! Não tem outra palavra.

Fui atendido por uma fisioterapeuta alemã, provavelmente recém-chegada, pois nem fala em portunhol, é em javanês.

Os pacientes são chamados pelas fisioterapeutas através das fichas. Vi todo mundo sendo chamado, menos eu.

De repente, olhei para a alemã, que estava só com uma ficha na mão, e com certeza tentando entender o meu nome, que já não é tão fácil para os brasileiros, imagine para a cidadã alemã. Ela olhava para a ficha e fazia: aurrrrr, aurrrr, e mais nada. Então, me aproximei e peguei a ficha, olhei que era meu nome, e na base da mímica, apontei o indicador para mim. Ela só fez indicar para onde eu ir.

Desse momento em diante, eu me lasquei. Ela pensou que eu era judeu e mandou ver.

De todas as outras sessões, essa foi a única que até respirar doeu. Como eu não entendia nada que ela falava, e ela muito menos o que eu dizia, o prejuízo foi meu. Acho que ela é intercambista, e devia estar com raiva do Brasil, ou do sorteio das chaves da Copa do Mundo, ou descobriu que o namorado alemão passou-lhe um chifre, ou ficou presa no trânsito tranquilo de Lagoa Nova. Descontou tudo em mim.

Resumo da ópera: quero que a Alemanha se lasque, e que essa alemãzinha vá a frente conduzindo a bandeira.

No outro dia, avisei à chefe do setor que eu estava pior do que nos dias anteriores, e foram adotadas providências. Não vi mais a danosa.

SAGA DA RECUPERAÇÃO - INUSITADO

Todo dia estou indo para a fisioterapia de carona com o meu sogro. E eu contei para ele a história da fisioterapeuta alemã.

Ainda bem que ela não conhecia o meu sogro, pois hoje eu estava em um dos boxes (isolado) fazendo a compressa de gelo e usando o aparelho de choques, quando ouvi a voz do meu sogro.

Ele viu aquela cidadã muito branca e com sotaque estranho, provavelmente lembrou-se do que eu tinha contado, e mandou ver na pergunta: é você que é alemã? Ela deve ter entendido, e respondeu: sim. Então, ele não aliviou: é parente de Hitler? Parece muito. Trata bem os judeus?

Rapaz, fiquei bem caladinho, e só sai do boxe quando estava tudo em silêncio. Se ela sabe que ele é meu sogro, da próxima vez vou ser enforcado.

SAGA DA RECUPERAÇÃO - MAIS UMA DO RECREADOR

Recentemente, foram detectados dois edemas: um na lateral do joelho e outro na parte de cima. Estes edemas estavam dificultando os exercícios de alongamento e, consequentemente, a recuperação, e por isso foi indicado a colocação de bandagens. Tais bandagens serviriam para auxiliar na drenagem dos edemas, e teriam que ser fixadas do meio da canela até a virilha. Para tanto, fui encaminhado para uma sala individual.

Lá chegando, fui recepcionado por uma senhora (PS: é bom lembrar que era uma “senhora”, que não tinha olhos claros, que usava óculos com grau alto e tinha idade acima de 50 - estou frisando isso, senão me lasco, e vou ser julgado no 1º tribunal do júri residencial, sem direito a recursos e nem pagamento de fiança).

A primeira providência da cidadã, após dizer bom dia, foi mandar tirar a bermuda. E isso ocorreu exatamente no dia em que você, por pura preguiça, resolve pegar qualquer cueca na gaveta.

Você, marmanjo que pode estar lendo isso, não minta: sempre tem aquela cueca que está furada, ou sem a menor tensão nos elásticos da cintura e das pernas ou toda manchada. Aquela que quando você entra no quarto com ela, sua esposa diz logo (e com voz de criancinha) - hoje tá tão bom de dormir, né morzinho. Tira tesão até de freira.

E foi justamente com uma cueca com os elásticos folgados que eu estava. Não se usa nem em casa. Já devia ter ido pro lixo, mas ninguém faz esta caridade. Só que quem tem que jogar no lixo é você, pois dá vergonha até de fazer isso (vai que alguém identifica o teu lixo).

Nessas ocasiões, até o "recreador" fica encabulado. Se ele falasse, ia olhar profundamente nos seus olhos e dizer: na próxima transa eu te sacaneio, para você jamais se esquecer de me tratar bem, e não me fazer passar tanta vergonha.

SAGA DA RECUPERAÇÃO – NEM LIGHT E NEM DIET

Um amigo me falou que nas últimas postagens estava tudo muito light, não tinha mais sofrimento e dor na fisioterapia.

Ô boca de praga da peste. Só foi ele me falar isso e no mesmo dia eu retornar ao sofrimento e dor.

Todos os pacientes desta clínica de fisioterapia e que já tem algum tempo de tratamento sabem quem são os (as) fisioterapeutas que tem mão pesada (isso significa muita dor), e ficam organizando os exercícios e o tempo para escapar deles e pegar alguém mais light. Pois bem, ontem fiquei me organizando para escapar da alemã invocada, e para fazer a parte difícil e que dói com outra fisioterapeuta (que é baixinha e magrinha). Errei o cálculo, pois parece que a danada faz MMA e musculação, e doeu até nos neurônios desativados. Estive pessoalmente conversando com São Jorge, e é por isso que ele aparece nas suas imagens em um cavalo empinando as patas dianteiras - foi o susto que tomou quando cheguei gritando e reclamando de dor lá no céu. Não deu tempo nem de São Pedro pedir o meu crachá de entrada, pois quando me viu naquele estado já abriu a porta de longe.

Vou conversar mais não com esse cabra. Vareita.

SAGA DA RECUPERAÇÃO - NOVOS APARELHOS E EXERCÍCIOS

Nesses dias, fui informado que passaria a utilizar dois novos aparelhos na fisioterapia e, consequentemente, fazer dois exercícios diferentes. Pelo nome dos dois, eu fiquei muito feliz e achando que seria moleza: balancinho e cama elástica.

Que nada. São duas máquinas de tortura, e com nome de brinquedos de crianças.

Na tal da cama elástica, você tem que ficar pulando que nem um saci, e exatamente com a perna que não consegue nem andar que preste. Você xinga até a mãe de pantanha. São 2 minutos diretos, e ainda tem que ficar se equilibrando. A sensação é a de que o seu joelho vai dissolver, exatamente como o antigo "calcion sandoz". A batata da perna fica gratinada, sem necessidade de ir ao forno.

Quando você está prestes a pisar no inferno, vem o danado do balancinho.

O cidadão tem que ficar em um pé só, como se estivesse para estrear no Sítio do Pica-Pau Amarelo, e se equilibrando numa espécie de balança. E é também com a mesma perna que está avariada. Só que essa balança fica fixada em dois pés e por quatro correntes, e não tem quem faça ficar parada. É como se você fosse treinar para a corda bamba.

Se pelo menos estivesse bêbado, você ia achar o maior "barato". Quando você sai destes dois aparelhos, não consegue pisar no chão. É negócio para filho de goiamum.

SAGA DA RECUPERAÇÃO – A VINGANÇA DAS MULETAS

Finalmente encontrei um local em que as pessoas respeitam àqueles que são PNE, ou que temporariamente utilizam cadeiras, muletas ou bengalas. Nessas férias levei a família num sábado para o Manoa Park. De cara, já conseguimos uma vaga em frente à entrada, devido à placa de estacionamento para PNE.

Por ser no mês de janeiro, tinha muita gente na fila da entrada, e de imediato fui indicado para a fila preferencial. E o valor pago, para o meu caso, foi bem menor do que o valor que paguei para a esposa e filha mais velha, assim como o valor pela entrada das gêmeas de cinco anos. Beleza, entramos rapidamente.

E pra que toda essa vantagem? Porra nenhuma. Lasquei-me lá dentro. Todos os toboáguas para adultos têm escadas gigantes. Mesmo os toboáguas menores também têm escadas. Todas as piscinas têm degraus.

Se quisesse tomar banho, tinha que me sujeitar a entrar no único local possível e de fácil acesso: uma lâmina d'água de uns 10 a 15 cm, onde só tinha bebezinhos (todos eles naquele estágio em que não pode ver água que faz xixi).

Resumo: devido o sol de rachar, se quisesse molhar o "espinhaço" ou o "cocuruto", tinha que encarar uma poça de xixi.

Mas resolvi encarar a realidade, e passar o calor bebendo umas geladíssimas cervejas debaixo de uma tenda (depois ficam dizendo que encontramos qualquer motivo para beber. E você? Ia mergulhar no xixi ou fazer o que fiz?).

SAGA DA RECUPERAÇÃO - ESSA EU NÃO DEVIA CONTAR

Todos nós sabemos que quando se faz uma cirurgia do joelho é necessário ficar um bom tempo com a perna imobilizada. E mesmo após a retirada da imobilização, ainda se passa um bom tempo fazendo fisioterapia para conseguir dobrar o joelho e flexionar a perna.

Pois bem, ao receber o convite de um casal amigo para visitar o apartamento deles, mesmo ainda de muletas, constatei que alguns arquitetos e engenheiros não estão tão preocupados com a moradia em si, mas com o que pode ser oferecido ao redor, tais como: área de lazer com 14 piscinas, 10 churrasqueiras, salão de jogos (nem que tenha só uma mesa para jogar dama), academia de ginástica, etc...

O casal amigo não mora, se comprime. Mas o pior estava por vir, pois o assunto não é dos melhores, mas acontece até com a realeza.

Sabe quando o cérebro recebe a informação do intestino, via whatsapp, e já na versão 4.0, que a situação está complicada, e vem diarreia na velocidade da luz? É naquela situação em que a temperatura ambiente está uns 35°C, mas assim mesmo você se arrepia todinho. Todo mundo vê e já sabe do que se trata, mas você pensa que não. E chega a um ponto que o complô do cérebro, do intestino e do "fresado" já está em passeata, com megafone e tudo. Você se comprime todo para ver se o som do megafone sai abafado. Mas é pior. Com o respeito da palavra - bufa fede mais do que peido.

Então, me levantei e pedi para me indicarem o sanitário.

Não acreditei no que vi quando abri a porta.

Na frente, raspando na porta, estava o box (daqueles que do jeito que você entra, tem que terminar o banho, e jamais consegue passar o sabonete na sola do pé - a não ser que abra o box). Na esquerda, encostado à porta, estava o vaso

sanitário. E na sua frente, uma minúscula pia, em cima de um minúsculo armário. Entre o box e o armário da pia havia um pequeno espaço.

Esse preâmbulo todo, mas a merda já estava pronta, e a decisão tinha que ultrarrápida. Questão de segundos. O que acontecia: sem poder dobrar o joelho, não vi como sentar no vaso sanitário. Sou tão azarado, que a brechinha entre o Box e o armário da pia servia para a perna esquerda, mas eu operei a direita.

Como o cérebro já havia liberado a encomenda, o intestino é submisso e já acatou sem questionar, só restava eu confiar num abestalhamento do "fresado". Numa titubeada dele, eu sentei lateralmente, com as pernas estiradas para trás da porta fechada.

Pronto: veio à avalanche. Num momento de calamidade pública, devem-se seguir as regras. Mas o sacana do "fresado" abriu as comportas sem sequer esperar pela sirene que toca para a "população evacuar".

Terminado o serviço, veio outro problema. Como fazer a limpeza do "fresado", se ao sentar lateralmente, não fica aquele espaço oval dos vasos sanitários em que conseguimos enfiar a mão com o papel em branco e que sai timbrado? Fiquei lembrando que nas penitenciárias, nos banheiros de avião e nos banheiros de shopping, há espaço para estirar as pernas. Menos nos apartamentos novos.

Fiz uma ginástica miserável, mas consegui. Sai tão suado que o colega falou: sair do frio para o calor nessa velocidade pode dar choque térmico.

Educadamente, pensei: vai te reiiaaarrrrrrr.

SAGA DA RECUPERAÇÃO - CATREVAGEM

Hoje recebi a excelente notícia de que a partir de 10 de janeiro não usarei mais as muletas, utilizarei uma bengala (ainda isso?) e já poderei começar a dirigir em pequenos percursos. Além disso, também começarão os exercícios de propriocepção (não quero nem saber o que é) e na academia.

Mas a sacanagem já começa lá em casa. Contei a situação a Ana Flávia e as filhas na maior alegria. Porém, ao passar pela Av. Nascimento de Castro, passamos em frente a uma academia que tem o seguinte cartaz:

"Academia específica para idosos, hipertensos, diabéticos e pacientes pós-cirúrgicos".

O problema é que as sacaninhas lá de casa incluíram: E AS DEMAIS CATREVAGENS, e olhando profundamente nos meus olhos e rindo.

Rapaz, pense num apoio da peste. Pois nem precisava acrescentar as demais catrevagens, porque já sou idoso, hipertenso e pós-cirúrgico.

A diabete vou adquirir já já, na ceia de ano novo, só pra sacanear.

SAGA DA RECUPERAÇÃO – MULETAS SENTIMENTAIS

Acordei de madrugada com um converseiro danado perto de mim. Quando olhei direitinho, vi que era o meu joelho conversando com as muletas. Estava se despedindo delas e jogando charme. Chega estava inchado de tanto chorar, só para fazer drama (ele sabe que mulher se derrete toda quando vê um homem sentimental).

Como elas são gêmeas, o escrotinho estava atirando para todo lado, pois no escuro, não conseguia as distinguir.

Ele dizia que não sabia como ia ser dali pra frente. Como é que ia subir na vida sem elas? (subir na vida para ele é subir um degrau, um meio-fio, um batente, etc...). Disse que o que ia sentir mais falta era quando elas ficavam deitadas no colo dele, quando o "véio" saía de casa. Porra, mermão, esse véio sou eu. Sacanagem.

Estou tratando bem esse sacana, pois o levo todo dia para a fisioterapia (duvido ele ir sozinho). Já o levei para um monte de festa. Tem até uma almofada só pra ele (o que causa ciúmes do outro joelho).

Já estava até pensando em deixar as muletas passar mais um final de semana aqui em casa e dormirem no mesmo quarto que esse safado. Ainda ia levá-las para a praia, para que ele pudesse vê-las de biquíni. E ele me vem com essa desfeita!

Tem nada não.

Quando começar a musculação, ele vai ver o que é bom para tosse.

SAGA DA RECUPERAÇÃO – BARÃO DE BENGALA

Primeira vez percorrendo uma grande distância sem muletas e só com uma bengala. Além disso, passei um longo tempo em pé no decorrer do casamento. Resultado: test drive reprovado - joelho dois dias doendo e "carão" das fisioterapeutas. O veinho tá lascado mesmo. Teve um gaiato no casamento que disse: parece um barão – paletó e bengala. E eu cá comigo: essa porcaria de joelho doendo, e ainda me chamam de barão. Então, vou encher a lata de uísque, que é bebida de barão. Fiquei de cara cheia, mas continuei pobre. Mas, pelo menos, fui barão por alguns momentos, só de sacanagem...

O RETORNO DA SAGA DA RECUPERAÇÃO

Sair de Natal de avião tem hora que vira pesadelo (literalmente, se você conseguir dormir). No meu caso, é epopeia mesmo. Quando é a trabalho, o aperreio já começa na escolha do voo, pois tudo depende do horário dos compromissos agendados.

Pois bem, nesta última viagem a Brasília, o voo saía às 3h15min da madruga (isso é horário de preá fazer sexo). Você não consegue dormir cedo, e fica lutando com seu sono, querendo obrigar os olhos a ficarem fechados. Faz meditação, respira fundo, e quando "dá fé", está com "os zói abertos de novo". Fica nessa caninga até o despertador tocar. Então, se organiza e vai para o aeroporto.

E daí, começa outra agonia: como estou com o joelho avariado, fico rezando para que a pessoa ao meu lado seja fininha ou virgem (daquelas que ficam com as bolachas dos joelhos bem juntinhas e com as mãos cruzadas no colo), pois sobrará mais espaço para que eu possa me "apragatar" no assento. Desse tamanho e com o joelho operado, não dá para ser diferente. Eu não sento no banco do avião, eu me encaixo,

e sempre fico rezando para o vizinho não querer ir ao WC. Por isso, nunca vou na janela, porque pode ser que não saia nunca mais.

E quando consigo finalmente me organizar para dar um cochilo, começa aquela sacanagem toda do piloto e das comissárias de bordo. Fico tentando entender porque precisam falar tanto, e dizer coisas que ninguém perguntou e nem quer saber. Por exemplo: estamos a 12 mil pés e em velocidade de cruzeiro. Quem danado vai fazer conta de madrugada para saber essa altitude em quilômetros, e quem sabe o que danado é essa velocidade de cruzeiro, além dos aviadores e comissárias?

E na GOL é pior, pois lhe acordam para saber se quer comprar um lanche. E nem precisava, pois falam no som ambiente e acendem todas as luzes.

Resumo dessa história: não dormi antes, nem durante e nem depois, e passei o dia feito um zumbi. Desse jeito, vou evitar avião enquanto não ficar bom do joelho e vou voltar a andar de jegue.

PARTE II

CRÔNICAS DO COTIDIANO DE UMA ENFERMEIRA

ALICE DUMARESQ

ACONTECE CADA UMA

Eu estava atendendo e insistentemente uma pessoa batia à porta. Logo imaginei que alguém desmaiou ou passou mal na sala de espera e querem a minha ajuda.

Imediatamente, abri a porta e me deparo com essa situação atípica: a paciente de planejamento familiar esqueceu-se de receber preservativos, e o parceiro, que trabalhava embarcado, chegou e foi direto para o quarto, e quando abriu a gaveta do criado mudo - nada.

Então, ele passou a percorrer todos os compartimentos da casa atrás dela. Quando se viu sem saída, e por morar na Rua da Unidade de Saúde, correu e veio pedir que eu dispensasse, sem atendimento, pelo menos uma unidade, pois "o homi tá daquele jeito, com a mulesta atrás de mim".

Prontamente o fiz, e ela me volta no final do expediente, sorridente, cabelinho molhado, para agradecer, e me diz: se não fosse aquela camisinha, eu tinha me lascado.

Pode???

O PRIMEIRO "MÍSSIL" VOCÊ NUNCA ESQUECE

Isso se deu há três anos.

Fazendo coleta de preventivos, entra uma paciente por volta dos 35 anos, que nunca havia feito o exame e estava nervosa e com medo (você sabe que as outras na sala de espera ficam dizendo: eu acho que dói, será que a mão dela é pesada? Será que ela é das que não tem pena da gente?...).

Enfim, a paciente entrou, e como era a primeira vez, fui explicar como seria o procedimento.

Quando ela se deitou na mesa ginecológica, era suando e as pernas naquela posição, tremendo. Quando abria suas pernas, ela fechava, e eu dizia: relaxe, vou introduzir com delicadeza e minha mão é bem maneirinha.

Ela concordou, e quando eu ia iniciar o exame, ela disparou o "míssil", com todo relaxamento que eu propusera.

Eu estava sentada num mocho, exatamente na altura, ou seja, "tomei o bicho". A atendente, indignada, disse: mulher, como é que tu entra aqui pra solar na cara dos outros. Eu fiz que não tivesse percebido, colhi o material e já dei as costas pra nem olhar pra ela e fui lavar as mãos.

Pronto, ela foi embora, e o primeiro "míssil" na cara eu nunca esqueci.

Semana seguinte, vou passando no corredor com a atendente e ela me diz: Tá vendo aquela mulher sentada no banco da direita, de saia amarela? Eu disse: sim, e daí? Ela me disse: é a PEIDONA. E saímos rindo das situações nas quais muitas vezes a profissão nos coloca.

Pode???

SONDA VESICAL

Há certo tempo atrás, fui com uma dupla de alunas administrar uma aula prática, na qual seria executado o procedimento de passar uma sonda vesical num rapaz de uns 30 anos.

Quando iniciamos o procedimento, o "recreador" quis se mostrar. A situação constrangedora, e eu, num ímpeto, joguei éter. O "recreador" quase desaparece. O rapaz gritando, e eu sem palavras e vermelha.

Demos um tempo, chamamos uma equipe masculina e o procedimento foi executado sem mais intercorrências.

OLHA A SAIA JUSTA – I

Eu trabalho com planejamento familiar, prevenção de DST/AIDS, entre outros programas.

No primeiro mês, o cidadão veio receber preservativos. Perguntei seu nome para escrever no receituário e, para minha surpresa, ele se inclina no birô e pergunta em cima de mim: e o seu? Eu disse: pode sentar, e dei as orientações de praxe, me fazendo de desentendida.

No segundo mês, o cidadão volta e diz ter gostado do produto, porque era de boa qualidade, mas que tinha o defeito de ser pequeno. Eu expliquei (já mordida), que a nossa dispensação era tamanho padrão e que suportava 1\litro de água dentro, sem romper.

Aí, ele olhou pra mim e disse: mas você não teria algumas maiores? Querendo se mostrar, dando uma de bem dotado. Eu, já cheia, disse: infelizmente nós só trabalhamos com preservativos para humanos (para jumentos não).

Ele foi embora irado e passou a receber no horário da colega.

Pode???

OLHA A SAIA JUSTA - II

Chega um senhor entre 68 e 70 anos atrás de camisinhas. Ele nunca tinha visto ou usado. Matutão, sisudo e constrangido para me abordar.

Ossos do ofício, ele me pediu que o ensinasse, vermelho. Mais constrangida ainda, pego um "recreador" de madeira e faço a demonstração (coisa que não gosto de fazer, mas, enfim, faz parte). Informei que ele poderia pegar mensalmente 10 unidades.

Mês seguinte, ele não compareceu, e achei que ele nem tivesse usado tudo.

No outro mês, ele veio pegar e foi se justificando: não vim mês passado, porque não precisei. Eu disse: tá ok. Aí ele elogiou a qualidade do produto, a resistência ao uso e as lavagens.

Lavagens? Digo eu, e ele me diz: quando termino de usar, eu lavo e estendo num varal à sombra, dentro de casa, pois sei que o sol acabaria a borracha.

Eu expliquei que era descartável, que usou joga fora, que temos suficiente para isso. Ele olha pra mim e diz: achei a senhora muito distinta, mas não dá valor às coisas, só porque são públicas, me mandando jogar fora, e ainda dava pra aproveitar.

Levantou-se e me disse: por isso o estado não vai pra frente, porque os próprios funcionários "estroem" material.

Pode???

PRÉ-NATAL

A paciente iniciou o pré-natal por volta de 12 semanas, já com sobrepeso para sua altura (baixinha). Foi encaminhada à nutrição para uma dieta adequada. Sem conseguir cumprir a dieta e com todos os exames em ordem, ganhava a cada mês mais que o esperado.

Por volta da 30ª semana (sete meses e meio), chegou dizendo que não dava mais para ter relações, pois se sentia muito pesada e achava incômodo. Perguntou se haveria algum problema em trazer o parceiro na próxima visita. Eu disse: claro que não, vocês são jovens e inexperientes, é importante que sejam tiradas todas as dúvidas.

Mês seguinte, chega o casal. Ele me pergunta, respeitosamente e me tratando por senhora, porque a mulher se negava a fazer "aquilo". Eu expliquei que isso era variável, talvez pela altura x peso e os desconfortos normais do fim da gravidez, mas que conversassem e encontrassem uma posição mais favorável para ela ou diminuísse a frequência, para ver se dava certo.

Fiquei ausente da Unidade de Saúde, e o casal volta 45 dias após o parto para revisão.

A ginecologista encaminha para mim, para o planejamento familiar, depois dela ter sido examinada. Expliquei que ele iria usar um anticoncepcional injetável trimestral, pois a mesma estava amamentando, mas ia dispensar 20 preservativos como precaução.

Aí ele me disse: e quando ela será liberada para fazer "aquilo"?

Eu disse: já está liberada. Ele bateu no ombro dela, dizendo: hoje tem festa!!!!!! Olhou pra mim e disse: desculpe o desabafo, né mole não, desde os sete meses que eu venho me acabando na mão, feito colher de pedreiro. Eu lhe disse: agora está tudo resolvido. Ele disse: vai ficar quando a gente chegar em casa.

Pode???

ASCÁRIS LUMBRICÓIDES

01. Chega uma criança de 1 ano para tomar injeção. Colocada na posição, nas pernas da mãe, eis que sai um "áscaris" (lombriga), ficando metade dentro e metade fora.

Resumo: nem a mãe e nem a técnica tinham coragem de fazer a retirada. Adivinhem quem fez isso? Eu. Fui chamada, calcei as luvas e puxei a danada se bulindo e levei para descarte.

Pode???

02. A paciente trouxe o filho de 5 anos para atendimento, com queixa que ele eliminava "ascáris" involuntariamente. Ao descer da maca, ele vomitou e o "áscaris" foi nos meus pés.

Pode???

03. A mãe chega dizendo: esse menino tá botando uns vermes estranhos, sem ter tomado remédio. Então, disse eu: vamos fazer logo o tratamento. A mãe reponde: eu trouxe aqui num frasco de azeitona grande, para a senhora ver.

Estava lá o "áscaris", colado na parede do vidro e em cima do meu birô. Achou pouco e disse: quando ele botou para fora, veio acompanhado desse cocô. Aí, abre a fralda daquele jeito.

Pode???

NOMES ESTRAMBÓTICOS

01. Juvino Juvenal Joventino
02. Fábio Júnior (Só que o pai era Manoel)
03. Isabella Gardnerella
04. Salomão e Saloméia (gêmeos)
05. Maria Concebida Sem Pecado de Nazaré
06. Iracema e Pustema (gêmeas)
07. Maria Raposa Pinto Coelho Carneiro
08. Vagasiton (queria dizer Washington)
09. Ferdinanda Fernanda Fernandes
10. Zoroastro Filipi
11. Max do Pinto Maximiliano
12. Mendonça Ronaldo
13. Azinhavre de Fátima
14. Vilibaldina Hosana
15. Miroviche Douglas
16. Kenedy (apelido Kendinho)
17. Zarobabel Marcelo
18. Amijona (Mãe Amires e Pai Jonas)
19. Péripla Simone
20. Nabucodonosor (apelido Nabuquinho)

EXAME PAPANICOLAU - I

Quando a paciente vem marcar o exame preventivo, é informada que fica restrito o uso de pomadas ginecológicas e ter relações sexuais 48 horas antes do exame, e que se torna obrigatório um banho antes da coleta.

De repente, entra a paciente da vez, tudo pronto, paciente posicionada, colhi esperma. Eu lhe disse: você não foi avisada que não poderia ter relações? Por que teve? Ela olha pra mim, entre o constrangimento e a vergonha, e me diz: como é que a senhora sabe? Quem lhe contou? Mostrei-lhe a espátula suja, e ela me disse: é, foi hoje de manhã. Pedi, então, que remarcasse.

Pode???

EXAME PAPANICOLAU – II

Paciente entra para a coleta de preventivo, vai logo dizendo: não sei se vai dar, sinto dores que estão me dando ínguas. Eu lhe disse: se não der para colher, vejo o que está acontecendo.

Posicionada, eu procurei o lugar para introdução do espéculo, e só encontrei um emaranhado de pelos, que se enovelaram entre si, repuxando suas raízes, causando a famosa "foliculite".

Você terá que cortar esse excesso de pelos, pois pelo volume, se engancharam até dando nós, disse eu. Aí, a resposta dela foi "trash": meu parceiro não deixa. Mas, eu vou cortar agora, você vai ser medicada e se ele reclamar mande me procurar, eu lhe disse.

Ele veio? Nunca.

Pode???

EXAME PAPANICOLAU – III

Paciente chega para coleta, sala fechada, ar condicionado ligado. Colocada em posição ginecológica, o mau cheiro de fezes toma conta do ar.

Sem que ela visse, olhei embaixo dos meus sapatos, de repente poderia ter pisado despercebida no estacionamento. Comigo não havia nada. Pedi à atendente para olhar os dela e os da paciente. Nada, com os sapatos estava tudo limpo. E o ar dentro da sala continuava pesado.

Quando ia começar, que olho para o períneo, me deparo com rajadas de fezes. Eu lhe disse: infelizmente, não vai dar para fazer seu exame hoje. Mas por quê? Pergunta-me ela. Prontamente, respondi: porque a senhora fez cocô e não se limpou adequadamente, o que além de contaminar, mostra que o banho foi esquecido antes de vir. Remarcaremos outro dia.

Pode???

PAPANICOLAU – IV

Entra na sala uma paciente de 40 anos, com doença mental severa, acompanhada pela mãe. Imaginemos que as sadias já entram tensas, nervosas, apreensivas e com medo, e no caso dessa? Ela já entrou com os olhos arregalados e dizendo o tempo inteiro: não, não, não!!!!!

Correu a sala todinha e ficava encostada no canto da parede, com os braços fazendo escudo. Depois de muita conversa minha e de sua mãe, o povo lá fora reclamando da demora e eu já a ponto de desistir e pedir para ela voltar num dia mais calmo, já tendo visto como era a sala, já tendo tido esse primeiro contato comigo, iria remarcar.

Para surpresa nossa, ela saiu correndo, deitou-se na mesa de exames, abriu os braços pendurados, olhou pra mim e disse: pode matar.

Fiz o exame na tranquilidade.

Pode???

ACA

A paciente veio para atendimento odontológico, sentou-se no banco de alvenaria que acomoda os demais pacientes. Quando ela sentou-se, as pessoas começaram a se levantar, de fininho, até que uma faixa 10 pessoas ficou de pé, distanciando-se.

A dentista me chamou e disse: converse com essa paciente sobre higiene. Todos saem quando ela chega por não suportar o cheiro fortíssimo. Eu a chamei na minha sala e perguntei-lhe: quantos banhos você toma ao dia, com ou sem sabonete, com ou sem desodorante, mas ela afirmava que usava os dois.

Sabe aquela cena que você viu lá fora, todo mundo se levantando? É porque você está com um problema, popularmente conhecido como "sovaqueira", disse eu, entre o constrangimento e a compaixão. Você vai aumentar a quantidade de banhos com sabonete e esfregar a metade de um limão, sem abandonar o uso do desodorante, até que se resolva.

Depois de um tempo, ela me procura, pediu que eu chegasse bem próximo a ela e sentisse como estava.

Resultado: causa resolvida!!!!!

MUDANÇA DE SEMBLANTE

Entra o paciente envergonhado, ao mesmo tempo que nervoso, se mostrando íntimo.

Ora, eu nunca o tinha visto ou atendido. Eu o tratava por Senhor, e ele a mim por você.

Disse-me: eu queria que você me desse umas camisinhas e que me ensinasse como usá-las. Eu, disfarçando, o exercício dessa tarefa tão incômoda, disse: pois não, senhor.

Feita a demonstração no meu velho «recreador" de madeira, avisei-lhe que deixasse o espaço, sem aderi-la totalmente, para armazenar o material.

Mês seguinte, chega ele para receber novamente, e foi logo me dizendo: acertei usar direitinho e só me lembrei de você.

Sinto que mudei o semblante e disse: não entendi.

Retruca ele: é que na hora de vestir a camisinha e deixar o espaço, como você havia dito, eu só lembrei de você. Silêncio total!!!!!

Pode???

PRÉ NATAL – II

O casal bem jovem, menores de 20 anos, chega para iniciar o pré-natal. Cheios de dúvidas, os dois me crivaram de perguntas, o que é muito natural para mim, pois a maioria de primeiro filho tem muitos questionamentos.

Pré-natal correndo normalmente, com queixas corriqueiras, exames atualizados e ultrassonografia obstétrica dentro da normalidade, com o feto já com apresentação cefálica (de cabeça para baixo, no ventre).

Aí, ele me sai com essa pergunta: podemos continuar a ter relações sexuais? Eu respondo: sim, sem problemas. Ao que ele me retruca, inocentemente: e se bater na cabeça da criança e se ele nascer com problemas devido ao sacolejo na cabeça dele? Não se preocupe que não chega nem perto, podem ficar tranquilos!!!!

Se pudessem ler a minha mente: é uma britadeira?

Pode???

VISITA DOMICILIAR – I

Fazia visitas domiciliares semanais, em casas diferentes, acompanhando alunos, como parte da disciplina Saúde Coletiva, a qual leciono.

Chegamos a uma casa, deixei o grupo de três alunas no portão e me dirigi à área da casa. A porta abria só a parte de cima e estava aberta, chamei D. Fulana, a proprietária. O marido, lá de dentro, disse: pode entrar.

Quando entrei, que ia chamar as alunas, o cidadão de 28 anos me aparece só de cuecas.

Pode???

VISITA DOMICILIAR – II

Sempre friso aos alunos que é uma visita de cunho sanitário, não é uma visita de cortesia. Não devemos aceitar lanches nem presentes. Evitemos a utilização de banheiro ou de pedir água (muitas vezes, a procedência é duvidosa).

Um aluno disse: posso usar o banheiro? Prontamente, a dona da casa indicou o caminho. A visita ia transcorrendo normal, quando outro pediu um copo d'água. Eu não dizia nada, pois a avaliação da visita se faz no retorno à Unidade de Saúde, com todas as considerações.

Quando retornamos, o depoimento do que foi ao banheiro: sanitário abarrotado de fezes, como se várias pessoas fossem depositando por cima do que já havia, tinha uma descarga quebrada e muitas, muitas baratas andando entre piso, paredes e teto. Resultado: o cidadão não teve coragem nem de tentar usá-lo.

O depoimento do que pediu água: a dona da casa pegou um copo desses que só é usado quando chega visitas. Resultado: copo empoeirado, com cheiro de barata e enchido com água da torneira da pia, na nossa presença. Como pediu, bebeu a metade.

Pode???

VISITA DOMICILIAR – III

Fui sozinha a uma residência, conversar com a proprietária, pois o resultado do exame Papanicolau dela estava com lesões displásicas III.

Quando bati palmas, lá da cozinha, olhou no corredor e gritou: PERDOE. Eu, sem graça, disse: não é esmola, é do Posto de Saúde, para conversar sobre seu resultado de exame. Imagine a "cara de vergonha dela".

Pode???

VISITA DOMICILIAR – IV

Chegamos a uma casa onde se criava todo tipo de animal doméstico (cachorros com e sem pedigree, gatos, passarinhos, peixes e um papagaio). O papagaio, como era de se esperar, repetia a dona e me repetia.

Até que num movimento brusco e inesperado, ele saiu de onde estava e bicou meu pé, sem querer soltá-lo, mesmo a dona ralhando com ele. Resultado: ganhei ferimentos, edema, febrícula e dores.

Pode???

VISITA DOMICILIAR – V

A casa se localizava numa área bem carente e de extrema pobreza. Quando cheguei à sala, crianças menores de três anos dormiam em colchonetes, dividindo com cachorros vira-latas.

Comecei a investigar sobre higiene, alimentação, tratamento da água e destinação do lixo doméstico. Aí começaram as situações à margem do que prega a educação sanitária.

A bacia que lavava toda louça, de adultos e crianças, era a mesma que lavava toda roupa suja, inclusive estava de molho roupas íntimas "daqueles dias". Quando eu questionei, ela disse: é a única que tenho.

A louça suja se acumulava com muito resto de comida, formigas e até baratas. Mas, o que mais me chamou atenção: uma mamadeira de leite com um bico muito aberto, lotada de moscas.

Saí dessa residência com a ideia fixa de fazer uma campanha na Unidade de Saúde de doações de vários utensílios, e a equipe um trabalho ostensivo de vigilância e orientações.

Praticamente, o agente de saúde ia nessa residência diariamente, o que reduziu a quantidade de vezes que as crianças apresentavam dermatites variadas e diarreias.

Pode???

VISITA DOMICILIAR – VI

Essa família havia chegado à rua há poucos dias. Resolvi fazer uma visita, pois precisava coletar dados, desde a alvenaria da casa, quantos moradores, como era o processo de tratamento da água e dos alimentos, o acúmulo de lixo etc., de modo, que eu teria que percorrer desde a área até o quintal. Ao passar pelo corredor comprido, onde estavam os quartos, notei que nenhum deles tinha porta, e sim cortinas estampadas, mas transparentes.

A dona da casa, muito receptiva, ia mostrando tudo: sala, banheiro, quartos, cozinha e quintal. No meio do corredor, quando olhei para um quarto, um casal transava, e se via tudo pela cortina. Ela, bem natural, disse: nesse a senhora não pode entrar, porque meu filho 'tá tendo relações com minha nora. Eu, com sorriso amarelo, desapontada pela situação, disse: não há problemas, os quartos não são iguais? Foi a minha saída.

Pode???

AMAMENTACÃO

Todos sabem da importância do aleitamento materno. Esta paciente, porém, relutava em deixar de amamentar a criança com mais dois anos.

Gastei todo o meu "latim", explicando que com essa idade, o leite materno já não tinha o mesmo valor nutricional do início e que o menino necessitava conhecer outros alimentos sólidos, a mastigação, o estímulo à musculatura facial e os diversos sabores.

Ela ouvia tudo calada, olhando pra mim, mas com jeito de quem estava dizendo: só faço se quiser. Tudo bem, desempenhei meu papel.

Na próxima visita, eu lhe perguntei: e aí, mãe, conseguiu ir desmamando? Ela olhou para mim, bem séria e ríspida, levantou-se e me disse: os peitos é meu e ele vai mamar até quando ele quiser. Se ele entender que só deve deixar quando for servir ao Exército, assim será. Eu disse: ok, não me procure mais para falar sobre alimentação desse menor.

Pode???

RATOS X GALINHAS

Nessa área que eu trabalhava deu uma infestação de roedores de todo tamanho, e tinha ruas que todas as casas hospedavam os mesmos. O inusitado foi uma vila de 14 casas, onde todos os moradores tinham essa queixa.

Providenciamos uma desratização e faríamos de casa em casa, onde o morador permitisse. Nessa vila, uma casa não permitiu. A idosa morava só, a casa era extremamente suja, com restos de comida espalhadas pelos compartimentos, e os vizinhos reclamavam do mau cheiro exalado pela dona da casa, assim como da própria casa.

Fazendo uma visita lá, nos deparamos com uma cena nunca vista. Numa bacia, ratos e galinhas se alimentavam amigavelmente. Por isso não queria desratizar, porque ela criava ratos cinza, grandes e nutridos, e a convivência com as galinhas era pacífica.

Feito o trabalho nas 13 casas, os roedores morreram, mas os da casa dela mantinham um ciclo de reprodução, o que fez com que vários moradores mudassem de endereço.

Pode???

IFRN
Editora

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte iniciou em 1985 suas atividades editoriais com a publicação da Revista da ETFRN, que a partir de 1999 se transformou na Revista Holos, em formato impresso e, posteriormente, eletrônico. Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa que fundou, em 2005, a editora do IFRN. A publicação dos primeiros livros da Instituição foi resultado de pesquisas dos professores para auxiliar os estudantes nas diversas disciplinas e cursos.

Buscando consolidar uma política editorial cuja qualidade é prioridade, a Editora do IFRN, na sua função de difusora do conhecimento já contabiliza várias publicações em diversas áreas temáticas.

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO GRANDE DO NORTE

Crônicas do Cotidiano relata momentos vivenciados na vida pessoal e profissional dos escritores, e que retratam a realidade, bem como a transformação, ou redescobrimento, de seus comportamentos, contemplando as sagas de um beradeiro e apresentando relatos da atuação profissional de uma enfermeira.

ISBN 978-85-8333-069-1

9 788583 330691 >

IFRN Editora

ABEU
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS